ANO 24.º QUINTA-FEIRA, 25 DE MAIO DE 1944 N.º 7722

Diario de Lisbôa

Número avulso: 50 CENTAVOS
Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

UM ACONTECIMENTO POLITICO

O Chefe do Govêrno expôs hoje

perante o II Congresso da União Nacional

as bases da nossa politica externa

O Chefe do Govêrno no uso da palavra

E' do seguinte teor o discurso que o sr. Presidente do Conselho proferiu hoje na abertura do II Congresso da União Nacional:

Senhores Congressistas: — *Embora este Congresso, pelo que especialmente me respeita, seja para ouvir e não para falar, aposto em como a generalidade estranharia o meu silencio. Direi por isso algumas palavras, talvez poucas para a clareza, bastantes decerto para a dificuldade. Com efeito, cada vez é mais dificil falar, ou pelo menos ou cada vez sinto maior dificuldade em falar, pois na actual confusão do mundo, quanto mais se explica, menos seguro se está de se ser bem compreendido. Farei em todo o caso uma tentativa, limitando-me ás grandes linhas de um esquema, tanto para nosso uso como para entendimento alheio.*

O caracter politico do Congresso

Foi intencional que este II Congresso da União Nacional tivesse acentuado caracter politico, ocupando-se exclusiva ou preferentemente de problemas nacionais, e isso tanto na ordem interna como na externa e na ordem colonial ou imperial. Dado o momento que se vive no mundo e não definidos ou assentes ainda os fundamentos da vida internacional futura, reunião e estudos podem parecer desprovidos de oportunidade. Este o primeiro ponto.

Parece-me seguro que na resolução de muitos problemas que interessam á vida de cada nação se hão-de fazer sentir algumas ideias dominantes e as realidades, sobretudo economicas e sociais, que a guerra revelar e a paz confirmará. A interdependencia dos povos e o peso das grandes economias nacionais já no passado vedavam e muitos deles a pretensão de uma linha autonoma de se conduzir, á margem das ideias ou dos processos correntes. Assim será mais acentuadamente amanhã, se á colaboração espontanea nascida do jogo dos simples interesses particulares, acrescer uma formula qualquer de mais estreito entendimento ou cooperação no estudo e satisfação das necessidades do mundo.

Considero, porém, exagerado pensar que tudo na vida nacional depende ou há-de depender da ordem internacional futura. E' tal a complexidade dos problemas, tão certa a impossibilidade de soluções uniformes e a falta de meios de acção, que os dirigentes supremos se atribuiram, no caso de o tentarem, tarefa sibrehumana. Cremos que não pensam nisso; a minha convicção é que não seria possivel e, se o fosse, não seria desejavel.

Nem podemos confundir a situação dos que sofrem as vicissitudes das lutas e as duras consequencias da derrota com os que, embora dentro do condicionalismo da hora presente, têm conseguido manter, com a sua integridade, o poder de determinar-se com independencia, tanto em relação á sua vida interna como ás relações com os outros povos. O estudo dos principios e meios de acção pelos quais nos propomos manter dentro de nós a ordem politica e juridica, a ordem social e economica, a ordem religiosa e moral, determina precisamente aquela zona que nos parece irredutivel, porque essencial á soberania e inacessivel á actuação internacional: Isto define ao menos uma atitude.

A concepção da ordem internacional

Evidentemente esta concepção corresponde a considerar a ordem internacional como a generalização ou melhor como a coordenação das diversas ordens nacionais. Mas outros conceitos são possiveis e têm sido enunciados, como o da internacionalização dos interesses nacionais ou o da constituição de super-Estados, dirigentes, guardas e defensores do mundo.

Ainda que nesta guerra se esteja

(Continua na pag central)

Em Roma

não há soldados alemães

BERNE, 25.—Num relato sobre a situação em Roma, o correspondente da agencia de informações suiça diz textualmente, numa carta datada de Roma:

«Em Roma, presentemente, não se vêem soldados alemães. Mesmo os soldados que se encontravam em Roma, como convalescentes, desapareceram da cidade».—(D. N. B.).

Um aspecto da assistencia ao II Congresso da União Nacional

O discurso de Churchill

Informações, afirmações e omissões

O discurso ontem proferido pelo Primeiro ministro da Grã-Bretanha é um dos mais importantes da sua carreira. Foi feito no estilo habitual duma revista periodica dos acontecimentos internacionais e ocupou-se, quasi exclusivamente, de assuntos de natureza politica e diplomatica. As questões de ordem militar foram relegadas para segundo plano. O discurso marca a posição actual da Grã-Bretanha e do Imperio britanico em relação a todos os problemas do momento, em termos que merece a pena arquivar, pela sua significação historica, e que a seguir procuraremos resumir:

I—Operações militares

Nenhuma referencia ao proximo curso das operações na frente leste e no Extremo Oriente e Pacifico. Nenhuma alusão á criação proxima da segunda frente. Declaração de que os alemães, em consequencia das operações actualmente em curso na Itália, serão em breve expulsos dêste país.

II—Politica interna e imperial

O povo inglês deve continuar com os olhos postos na bola, isto é, deve considerar que o principal objectivo da nação é ganhar a guerra.

A Conferencia Imperial criou uma unidade de vistas bastante forte para que a Comunidade britanica possa, nos debates internacionais previstos em seguida á cessação das hostilidades, falar como uma grande potencia. A expressão Imperio volta a ser a mais adequada para exprimir o poder e a vontade dos povos britanicos espalhados pelo mundo.

III—Politica externa

A—Relações com os Aliados

1) Estados Unidos—Nenhuma referencia especial aos Estados Unidos em relação ao presente

2) Russia—A Grã-Bretanha espera continuar ao lado da Russia até á realização completa dos objectivos de guerra comuns.

3) França—Não ha contactos possiveis entre o govêrno de Londres e o

(Continua na pag. seguinte)

Patrulhas

do 5.º Exército

estabeleceram ligação com a testa de ponte

LONDRES, 25—O Q. G. Aliado na Itália publicou o seguinte comunicado especial: «Patrulhas da principal frente do 5.º Exercito estabeleceram ligação com as patrulhas do 5.º Exercito da testa de ponte aliada, as primeiras horas de hoje. Isto é o ponto culminante do extraordinario avanço do 5.º Exercito, de mais de 90 quilometros, apenas em 14 dias.

A ligação destas duas patrulhas deu-se poucos quilometros a sueste da testa de ponte, na estrada entre Terracina e Anzio.

Assim, o 5.º Exercito estabeleceu comunicações terrestres com a testa de ponte, pela primeira vez, desde que se efectuou o desembarque em 22 de janeiro.

As tropas da frente principal quebrando a poderosa resistencia inimiga abriram caminho combatendo denodadamente desde a noite de 11 de maio,

(Continua na 8.ª pag.)

O numero de hoje do
Diario de Lisbôa
é de 12 páginas

A Europa de amanhã

segundo o que se pensa nos Estados Unidos

WASHINGTON, 25.—Os problemas europeus do após-guerra estão a vir a primeiro plano.

O «Chicago Tribune» e o «Times Herald» de Washington publicam artigos que principiam por dizer que «em Teherão se dividiu a Europa em esferas de influencia britanicas e americanas, com as tropas americanas a manter indefinidamente na Alemanha os serviços de policia». O artigo diz que, com o acôrdo de Teherão, o rio Elba foi fixado como linha divisoria entre as esferas de influencia russa e britanica, na Europa. Possivelmente a ocupação da Alemanha prosseguirá durante muitos anos.

O senador republicano Harlan Bushfield, de Dakota, criticando a actual politica estrangeira declarou ontem: «Em Teherão chegou-se a acôrdo para dar á Russia mão livre na Europa oriental e á Grã-Bretanha papel fiscalizador na Europa ocidental, ao passo que os Estados Unidos devem fornecer soldados para policiar a Alemanha. Os soldados americanos insistem para regressar á Patria o mais brevemente possivel depois de ganha a vitoria. Nem o Congresso nem o povo americano, na minha opinião, hão-de permitir o emprego indefinido dos seus rapazes como soldados, para beneficio, seja da Russia seja da Inglaterra».

O «Evening Star», de Washington, escreve: «A revisão do mapa da Europa, seguirá linhas estritamente estrategicas requeridas pela Republica Sovietica e pela Grã-Bretanha. Nos proximos meses reunir-se-ão varias conferencias e o povo crê que importantes assuntos serão discutidos».—(Reuter).

PARTIDARIO DE LAVAL

condenado em Argel

ARGEL, 25.—Marcel Bertrand, chefe da organização de tropas de assalto de Laval em Tunis, foi ontem condenado a 15 anos de trabalhos forçados pelo tribunal militar de Argel.

Marcel Bertrand era tambem membro da Falange Africana, que combateu com os alemães contra os Aliados, na Tunisia.—(R.).

A prova de patrulhas

Braga-Lisboa

BATALHA, 25.—(Pelo telefone).—Chegaram hoje aqui as patrulhas da estafeta Braga-Lisboa. Na recepção, calorosa, estiveram presentes todas as autoridades locais, o comandante da 3.ª Região Militar e muitos oficiais.

A ordem de chegada foi a seguinte: 1.º, Patrulha de Artilharia, ás 13 horas, 9 m. e 32 s.; 2.º, Infantaria, ás 13 h., 27 m. e 16 s.; 3.º, Cavalaria, ás 14 h. e 7 m.; 4.º, Marinha, ás 14 h., 14 m. e 58 s.; 5.º, Engenharia, ás 14 h., 26 m. e 24 s.

MORTE DUM PRESO

BEJA, 25.—(Pelo telefone).—Na cadeia desta cidade morreu esta manhã, o preso Abilio Marques, de 33 anos, natural de Monchique, que ali estava a cumprir pena maior por crime de homicidio.

O discurso de Churcill

(Continuação da pag. anterior)

govêrno de Vichy. O govêrno britanico não reconhece a Comissão de Argel como govêrno legitimo ou govêrno provisorio da França. Foi dirigido um convite ao general De Gaulle para visitar Londres.

4) Polonia—A Grã-Bretanha aceita o principio das compensações territoriais, a ocidente, para indemnizar a Polonia dos prejuizos causados pela fixação da linha Curzon como fronteira oriental dêste país. A Polonia terá, nêsse caso, um largo acesso ao Baltico, o que significa que incorporará parcelas importantes do actual territorio do Reich. As divergencias russo-polacas continuam sem solução.

5) Jugoslavia—O rei Pedro pretende organizar um novo govêrno com exclusão do general Mihailovitch. Este ultimo não tem combatido os alemães. A Grã-Bretanha propõe-se enviar auxilios substanciais, em material, aos partidarios de Tito.

6) Grecia—A revolta no exercito e na armada da Grecia prolongou-se durante três semanas e teve de ser dominada pela força. O rei Jorge II, que se encontrava em Londres quando se produziram os acontecimentos, seguiu para o Cairo assistindo á jugulação da revolta. A Conferencia do Libano, onde estiveram reunidos representantes de doze partidos e organizações de resistencia, conduziu á formação de um govêrno de união nacional presidido por Papandreou. A Grã-Bretanha considera esperançosas as perspectivas abertas pela formação dêste govêrno.

B — Relações com os neutros

1) Turquia — A Grã-Bretanha esperava que a Turquia entrasse na guerra, ao seu lado, em fevereiro ou março. Esta esperança não foi confirmada pelos factos, porque os dirigentes turcos consideravam pouco provavel uma modificação, na frente oriental, favoravel ás Nações Unidas. A Grã-Bretanha considerou exagerados os pedidos turcos para fornecimentos de material de guerra e fez cessar completamente esses fornecimentos. A decisão recente de cessar o envio de cromio turco para o Reich foi, principalmente, devida a uma iniciativa pessoal do presidente Inonu. Em Londres esperam que cesse o envio de outros produtos turcos para a Alemanha. O govêrno britanico é de opinião que a Turquia não terá nas negociações para a realização da paz uma posição muito forte.

2) Espanha—Mantendo-se neutral, a-pesar dos convites que lhe foram dirigidos para entrar na guerra (outono de 1940) e não atacando Gibraltar na altura em que se faziam os preparativos para o desembarque no Norte de Africa (outono de 1942), o governo espanhol tornou-se crédor do reconhecimento da Grã-Bretanha. A conclusão feliz do recente acôrdo anglo-espanhol reforçou este sentimento. A Espanha terá, depois de féita a paz, uma forte influencia na zona mediterranica. O governo britanico não tenciona intervir nas questões internas da Espanha. Esta regra aplica-se a todos os países que não combateram a Grã-Bretanha no actual conflito.

C—Relações com os inimigos

1) Reich—O principio da rendição incondicional continua a aplicar-se á Alemanha. No caso da vitoria das Nações Unidas, o territorio do Reich sofrerá as modificações exigidas para se criar a segurança continental.

2) Japão—O principio da rendição incondicional continua a aplicar-se ao Japão.

3) Italia—O destino da Italia será terrivel. O governo Badoglio tem feito tudo quanto está ao seu alcance para auxiliar as Nações Unidas no prosseguimento da luta. As Nações Unidas fazem tudo quanto podem para auxiliar o governo Badoglio a resolver as suas dificuldades economicas e financeiras. O rei Vitor Manuel abdicou em seu filho e o governo Badoglio será oportunamente alargado. A Italia decidirá, uma vez libertada, sobre as instituições politicas que lhe convêm.

4) Países aliados do Reich na Europa—Nenhuma referencia especial.

IV—Organização da paz

A carta do Atlantico é apenas um posto de sinalização e um guia.

Haverá um directorio mundial (Comissão de fiscalização) que se encarregará da manutenção da paz, e uma assembleia geral mundial em que poderão colaborar todas as nações pacificas.

As grandes potencias que devem constituir o directorio mundial continuarão armadas, depois da guerra.

As relações entre o directorio e a assembleia geral não se encontram, por emquanto, definidas.

Os excessos do nacionalismo nos países que fazem parte da assembleia geral mundial, com exclusão das potencias que constituem o directorio, serão limitados pela propria falta de forças militares ao serviço das suas aspirações possiveis de engrandecimento.

Evitar a repetição da guerra é o objectivo essencial da acção que se propõe desenvolver o directorio das grandes potencias.

Só ficou em Tanger

O CONSUL ALEMÃO

para inutilizar a documentação do consulado

TETUÃO, 25.—Vindos de Tanger chegaram a esta cidade alguns funcionarios do consulado alemão de Tanger, que foi encerrado depois de terem sido retirados do edificio o escudo e a bandeira da Alemanha, por ordem do governo espanhol, nos termos do acôrdo assinado com a Inglaterra.

O consul da Alemanha ficou ainda em Tanger a destruir os arquivos e a dar destino ao material do consulado, após o que abandonará tambem aquela cidade.—(U. P.).

LIVROS BRASILEIROS

para a Academia das Ciencias de Lisboa

RIO DE JANEIRO, 25.—Correspondendo a um pedido feito pelo embaixador dr. João Neves da Fontoura, o Ministerio da Educação enviará uma colecção de livros brasileiros sobre assuntos historicos, filologicos e etnograficos, destinados á «Sala Brasil» da Academia das Ciencias de Lisboa. Entre esses livros encontrar-se-á uma colecção de obras completas de Rui Barbosa. Os livros seguirão no vapor português «Colonial».—(R.).

As Côrtes espanholas

aprovaram creditos suplementares para comprar material de guerra

MADRID, 25.—As Côrtes espanholas aprovaram o orçamento suplementar do Ministerio da Marinha com uma verbà de 254.072.000 pesetas para a aquisição de material de guerra. Foi tambem aprovado um orçamento suplementar na importancia de 20 milhões de pesetas para reforço do fundo permanente da Casa da Moeda. Tambem foi aberto um credito especial de 87.962.231 pesetas a favor do Ministerio da Aeronautica para pagamento de gasolina e oleos adquiridos nos anos de 1940, 1941 e 1942. As Côrtes tambem aprovaram a criação de uma escola especial dependente do Ministerio da Justiça.—(R.).

Fuzilamentos na Belgica

ZURICH, 25. — Comunicam da Belgica que o tribunal das autoridades de ocupação de Mons condenou á morte e mandou executar quatro belgas, Jean Darquenne, Emile Collet, Fernand Petit e Leon Mainil, acusados de sabotagem, atentados politicos e detenção de armas.—(U. P.).

ARCADIA

Todas as noites as melhores atracções internacionais

MARGARYT AND FRANCIS

LUIS TORR y sus seis rubias

BALLET HELIOS com

RAFAEL DE GRANADA - CARMELA

ELVIRA COPPELIA y sus muchachas

Orquestra JAIME CAMINO

e o grande concertista

VIEIRA PINTO

na nova orquestra

D. MENDES

O NOVO GRANDE EXITO DO

ARCADIA

DANCING DE CATEGORIA INTERNACIONAL

FEIRA POPULAR DE LISBOA

FEIRA DE AMOSTRAS

O MAIOR ACONTECIMENTO DA CIDADE

O LUXURIANTE PARQUE DE PALHAVA TRANSFORMADO NUMA FEERICA APOTEOSE DE GRANDE CERTAME INTERNACIONAL

UM ESPECTÁCULO DE CÔR E ALEGRIA

ABERTO A PARTIR DAS 19 HORAS

ENTRADA GERAL: 1 ESCUDO

CAFE' CRISTAL TODOS OS DIAS ALMOÇOS E JANTARES

CALDELAS

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA

O melhor da Estancia, completamente modernizado. ABERTURA A 10 DE JUNHO

Leiam o jornal humoristico SEMPRE FIXE

BORDADOS e ALTA COSTURA

Rua dos Sapateiros, 139, 3.º D.

Tel. 2 3754

Vida artistica

Exposição Mart Huguenin

Inaugurou-se, ontem, no Secretariado da Propaganda Nacional, uma exposição de pintura de Mart Huguenin. A artista apresenta-se com muito interesse. Os seus retratos, onde há pinceladas quentes, são francos e expressivos. O seu revolucionario estetico, se é que o tem, não vai até á eliminação dos fundamentos academicos. Simplesmente, a sua sensibilidade procura novas sendas de arte e, se nem todos são rectilineas, uma e outra levam-na a bom termo. Na paisagem, Mart Huguenin, sobretudo, nas impressões da Suiça, afirma uma aliciante espiritualidade, traduzida em notas de fino sentimento. Mart Huguenin apresenta ainda alguns desenhos, que constituem elementos de apreciavel valor no certame.

Exposição Antonio Soares

Tem sido excepcionalmente visitada a exposição do brilhante pintor Antonio Soares, na rua Ivens, 44. O certame, que é um dos mais destacados acontecimentos artisticos dêste ano, encerra-se no proximo sabado, 27. Muitos trabalhos foram já adquiridos.

UM ANDAIME QUE ABATEU

provocou a morte dum trabalhador ferindo ainda dois

O edificio onde se encontra instalado o 4.º esquadrão da G. N. R., na calçada da Ajuda, anda em obras. Sucede que, hoje, por se ter quebrado um ferro que servia de suporte a um andaime, este abateu, ficando feridos os trabalhadores Manuel da Silva, de 38 anos, morador no bêco da Bempostinha, e Antonio Moura, de 32 anos, residente na rua Barão de Sabrosa, e morrendo Alfredo Matos, de 35 anos, cujo corpo está depositado na Morgue.

CASABLANCA

Emp. José Miguel Telef. 2 1369

Emilia Ferreira

Hoje, ás 22 horas— Grandioso espectaculo de Fados com os artistas: **Emilia Ferreira, Adelaide Cardoso, José Pereira, Manuel Fernandes** e em estreia **Guilherme Janeiro.** Entrada 2.50 com direito a entrada no Parque.

Domingo—Grandiosa «matinée», ás 16 horas.

LUSO

PALACIO DE S. ROQUE

Travessa da Queimada, 8-A

Animador **FILIPE PINTO**

Ercilia Costa

Hoje, Noite da Moda, com fados castiços e desgarradas, pela muito querida artista Ercilia Costa, Ressurreição do Nascimento, Natividade Correia, Jacinto Pereira, Frutuoso França e Julio Peres. Solos de Guitarra por Jaime Santos e Martinho d'Assunção.

O LUSO prima pela selecção dos seus artistas e não pelo numero.

HOCKEY EM PATINS

ESTADIO MAYER

HOJE, às 21 e 30 horas

Jogos finais do

TORNEIO RELAMPAGO

Teatros e Cinemas

«A ascensão de Joaninha», no Nacional

A instancias do Instituto de Cultura Alemão, e para festejar dalgum modo, embora tardiamente, os 80 anos de Hauptmann, que há pouco se cumpriram, a empresa concessionaria do teatro Nacional acedeu em levar á cena uma das obras do famoso dramaturgo alemão, no desejo de dar a conhecer, ao mesmo tempo, ao nosso publico um dos autores mais discutidos do teatro contemporaneo,—que ainda não tinha chegado a Portugal!—o que está perfeitamente dentro da missão cultural que lhe incumbe.

A peça escolhida não teria sido, porventura, aquela que mais convinha á divulgação da obra de Hauptmann, complexa, inconformista, revolucionaria, cheia de humanidade e de compaixão pelos que sofrem, em que a multidão ululante e miseravel constitue, por assim dizer, como nos «Tecelões», a principal personagem do drama. Esta «Ascensão de Joaninha» que tem a particularidade de marcar uma viragem decisiva na obra do dramaturgo, é um doloroso conto de fadas em que o sobrenatural intervem a cada passo, imprimindo á obra uma atmosfera de sonho e realidade, dificil de criar num palco de comedia onde faltam os recursos tecnicos indispensaveis ás mutações rapidas e aos efeitos surpreendentes. E dizer-se que a aparelhagem electrica do nosso primeiro palco de declamação é quasi rudimentar e só com prodigios de dedicação e de habilidade se conseguem resultados apreciaveis...

Hauptmann é o dramaturgo da dôr humana, do sofrimento, da vida angustiosa dos humildes, que só encontram o premio da sua miseria terrena na glorificação celestial. Assim a pobre Joaninha Mattern, que procura libertar-se duma vida cruciante, em que sofre os maus tratos inenarraveis dum padrasto brutal, atirando-se a um lago gelado onde a chamava uma voz misteriosa e aliciante. Hauptmann exalta o sofrimento dessa criança, condição primordial para a libertação da alma, que se purifica pela dôr e se eleva para Deus. A par do friso naturalista e sombrio dos exilados, que constitue porventura a parte mais convincente do drama, erguem-se alguns quadros de incontestavel beleza simbolica, duma grande frescura mistica, nomeadamente a aparição dos Anjos, vistos com a simplicidade ingenua duma narrativa silesiana, mas que não são, em boa verdade, aqueles que podem provocar reacções mais favoraveis no publico, pela extrema delicadeza e melindre da sua realização. O que há de verdadeiramente grande e compreensivo no sonho dramatico de Hauptmann é a sua compaixão pelos fracos, a sua simpatia pela alma atormentada dessa infeliz Joaninha, que mal sente desabrochar no coração a primeira flor da sua «primavera sexual» e quere ir para junto de sua mãi que está no ceu, onde todos os sofrimentos acabam e toda a virtude tem a sua gloria.

Há que elogiar, antes de mais nada, a dignidade artistica com que a empresa do Nacional pôs a peça em cena e a perfeita disciplina com que a ilustre companhia se encarregou do desempenho. Vemos artistas como Palmira Bastos, que interpretou com infinita doçura uma irmã-enfermeira; Lucilia Simões, que desenhou com traços duma nitidez admiravel a figura desgrenhada duma mendiga; Amelia R. Colaço, que se desdobrou em dois apontamentos dados com a emoção e a altura requeridas; Alves da Cunha, que compôs com inexcedivel vigor dramatico um tipo brutal, vemos artistas de primeira plana abdicarem dos seus pergaminhos de nobreza e consentirem em fazer pequenos papeis inferiores á sua categoria artistica, numa submissão completa ás exigencias da Arte que servem com tanta probidade como dedicação. Vemos igualmente a seu lado uma actriz que mercê de circunstancias fortuitas, nem sempre tem encontrado os papeis que convêm ao seu temperamento dramatico e ás suas apreciadas faculdades histrionicas. Queremos referir-nos a Maria Lalande, que foi ontem, no sonho de Joaninha, uma Joaninha de sonho. Dificilmente se encontraria quem melhor nos désse a encarnação total da figura dolorida e quasi imponderavel de Hauptmann, que os seus nervos e a sua inteligencia «viveram» ontem com profunda e religiosa emoção. Ouvi-la dizer «Anjos!», em face da aparição dos mensageiros alados do ceu, é sentir toda a beleza tradicional, toda a graça, toda a frescura de impressões que a nossa lembrança guarda do maravilhoso cristão que embala a infancia de todas as crianças. Foram para Maria Lalande, e bem merecidas, as melhores palmas da noite.

Anotemos ainda uma composição a todos os titulos notavel de Samwell Dinis, na silhueta estranha dum velho asilado; o trabalho louvavel de Luiz Filipe na dificil personagem do mestre-escola, que ha-de ser nos ultimos quadros a dôce figura dum «Estranho» com as feições de Jesus; um apontamento feliz de Pedro Lemos e a colaboração acertada de Augusto Figueiredo, Paiva Raposo, Macieira, Henrique Santos, José Cardoso, Maria Brandão, Maria Côrte Real, Laura Fernandes, Beatriz Santos, Eunice Muñoz e todos quantos intervieram quer na declamação quer no côro.

Bailados dirigidos por Ruth Aswin e orquestra de camara a cargo da competencia, por mais duma vez posta brilhantemente á prova, de René Bohet.

O dr. Erwin Mayenburg, com os seus conhecimentos especiais e a sua experiencia de palco, dirigiu os ensaios da peça e providenciou para que tudo estivesse no seu lugar, á altura do genio de Hauptmann e das tradições da casa.

Um germanista ilustre, o dr. Paulo Quintela, deu-nos uma tradução conscienciosa, inteligente, perfeita em todo o sentido. A abrir o espectaculo, foi ele ainda que explicou á numerosa assistencia o significado da obra de Hauptmann, demorando-se na analise da peça que se ia representar, da qual nos deu uma sintese luminosa e acessivel a inteligencias médias.

Interpretes e ensaiadores foram aplaudidos como mereciam por um publico entusiasmado, que sentiu toda a beleza, toda a poesia, toda a simpatia humana, toda a inefavel candura da obra.—N. L.

(Lêr noticiario teatral na 11.ª página)

TOUROS EM CACERES

Saida Rossio 11,35 comboio 2.ª feira. Saida Entroncamento 17,24. Chegada Cáceres 2 da manhã.

Temos bilhetes comboio e bilhetes corridas. Indispensavel passaporte.

Agencia Internacional de Serviço Rapido
Telef. 24603 Apartado 723 Teleg. Inser.
Com mil escudos faz-se uma bonita viagem.

O Grande baile da Queima das Fitas

Com atracções de primeira categoria, em que tomará parte a distinta cantora **NATALIA VIANA** e os maiores bailarinos humoristicos do Mundo **ELSA AND WALDO** e a famosa orquestra **MARIO BARRETO, sábado, 27, no monumental**

ESPELHO DE AGUA

O «Rendez-vous» marcante de Lisboa

Festa promovida pelos estudantes de Medicina Veterinaria

Aberto todos os dias para serviço de almoços, chás, jantar-concerto e á noite serviço à americana

Marcam-se mesas pelo telefone 81 068

CRISTAL

O Bar-Dancing preferido pelo público
HOJE E TODAS AS NOITES

Grande sucesso das atracções

TRIO ALONSO

Um êxito como não há memória

TRIO ARVEU

vocalistas internacionais

ORQUESTRA **Miuras de Sobré**

com o cantor **TORREGROSA**, a vocalista **MERCEDES SALA** e o animador **MANZANOS**

BALLET LARRIUT **Carmelita de Cordoba**

Maria de Los Dolores **Hermanas Valladares**

Orquestra **CRISTAL**

Na próxima semana, uma sensacional estreia:

PEDRO MASMITJA'

SUA ORQUESTRA

Termas de Caldelas

Cura dos doentes do intestino. Estancia de repouso o regimes, devidamente saneada

ABERTURA A 10 DE JUNHO

MIAMI O MELHOR DANCING

Em pleno triunfo o celebre saxofonista

JUSTO BARRETO

Em colaboração com a melhor ORQUESTRA **SOUSA PINTO**

AMANHÃ, ESTREIA EM PORTUGAL DA BAILARINA

LYDIA DE LUPE

BREVEMENTE — **OUTRA GRANDE ATRACÇÃO**

Conferencias

Para comemorar o bi-centenario da morte de Alexander Pope, poeta, escritor satirico, tradutor, e que foi a principal figura da poesia inglesa na era Augustana, o sr. dr. Ernest Reynolds fará uma conferencia no Instituto Britanico, palacio do Menino de Ouro, rua de Luiz Fernandes, 3, Lisboa, na proxima terça-feira, pelas 21 e 30.

—**Amanhã, ás 22 horas**, na Sociedade de Geografia, o **explorador e geógrafo belga, professor Albert Gilliard, actual adido á legação da Belgica em Lisboa, fará uma conferencia** sobre «Uma concepção moderna da geografia no quadro das ciencias naturais».

—**Na Casa do Ribatejo, praça Marquês de Pombal, 16, 2.º, efectua-se hoje, ás 22 horas, a anunciada conferencia do antigo publicista Ventura Abrantes, intitulada «Duas touradas em terras de Além-do-Tejo».** Os socios podem fazer-se acompanhar de suas familias.

—A pedido da direcção do Club Nautico de Portugal, o erudito etnologo e folclorista prof. dr. Luiz Chaves. faz amanhã, ás 21 e 30, no salão do Automovel Club, uma palestra com o titulo «O que dizem os barcos do nosso mar» (A gente do mar e os seus barcos, suas formas e decorações), acompanhada de projecções. A entrada é por convites.

DOENÇAS TROPICAIS

As lições do prof. dr. Nauck

No palacio Burnay. a convite do Instituto Tropical de Lisboa, o sr. prof. dr. E. Nauck, director do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, realizou hoje, de tarde, a sua segunda conferencia, que, como a primeira, reuniu uma numerosa assistencia, constituida por medicos, colonialistas, professores e estudantes. O sr. prof. dr. João Fraga de Azevedo referiu-se ao notavel trabalho apresentado ontem pelo ilustre conferente, que, em seguida, iniciou o seu trabalho que intitulou «Enfermidades tropicais causadas por virus filtraveis».

Adega das Parras

A festa da inauguração. Todas as noites: fados e guitarradas

Esteve animada, ontem, a noite, na *Adega das Parras* da Feira Popular de Lisboa, na sua inauguração. A todos os titulos: porque se trata dum centro castiço de fados; pela inspiração da decoração; mas sobretudo pela categoria das pessoas que assistiram á inauguração.

O fado foi, por direito natural, o motivo fulcro á volta do qual girou todo o movimento e a boa disposição da assistencia. Pode afirmar-se: a *Adega das Parras* é um grande centro de fado para verdadeiros cultivadores e aficionados. Na inauguração, brilhou Lucilia do Carmo, entre outras cantigas, com a «Tia de Loures», notavel interpretação; Maria de Lourdes, em apontamentos de vibração singular; Jacinto Pereira, com inspiradas cantigas; e ainda o cantador da velha guarda e poeta popular de relêvo, Camilo Bento, a quem coube a chamada primeira cantiga.

Hoje, á noite, Raul Nery e Fernando Reis; Marcia Condessa e Manuel Cascais. A ADEGA DAS PARRAS é o ponto de reunião elegante da Feira Popular de Lisboa.

RETIRO DOS MARIALVAS

A's 21 H.:
Cantam:
Maria do Carmo Torres, Manuel dos Santos, Fernando Farinha. Reaparição de Tristão da Silva e do humorista Antonio pes, Carvalhinho e Nicolau Neves.
Tristão da Silva **Entrada franca.**

CAFE' LATINO

T. 6 2293 R. Ferreira Borges 68

Continuação do Concurso de Poesia Popular. Concorrentes para esta noite: Maria Loureiro, Emilia Ferreira, Deolinda Rodrigues, Isabel da Conceição, Manuel dos Santos, Manuel Calixto, José Pereira, Fernando Farinha, Jaime Silva, Maximino Costa. *No programa Maria Loureiro, José Pereira e Joaquim Cordeiro.*

O discurso do sr. Presidente do Conselho

(Continuação da 1.ª pag)

afirmando, por virtude da sua propria extensão, uma estreita solidariedade de povos e dela saia (em determinada solução) bem vincadas as afinidades eslavas, anglo-latinas e americanas, com consequencias inevitaveis no dominio politico, estou seguro de que no fundo a nação continuará a aparecer como nucleo primario, vivaz, irredutivel e inassimilavel, sem duvida disposto a colaborar, mas pronto a autonomizar-se em caso de necessidade ou conflito. Se assim é, tanto basta para que em momentos decisivos o Estado chame a si a representação exclusiva do interesse da Nação, sem que possam contra ele valer ou invocar-se os laços de empreendimentos ou organizações, mesmo que supra-nacionais. Não parece que as guerras se originem todas em causas economicas, antes se tem visto nascerem muitas de origens ideologicas ou puramente politicas. Ora seria duvidosa a possibilidade de transferir para plano supra-nacional a organização de todos os interesses, como me parece ilusorio esperar dai a chave de uma ordem nova no mundo.

As grandes potencias

A sobreposição de grandes Estados ou, por outras palavras, a organização através da superioridade imperial é possivel, e estão criadas, na hipotese de a guerra terminar por inequivoca derrota alemã, as condições para a constituição de três grandes hegemonias, pelo menos no que se refere á Europa, á Africa e á America. Com efeito o Imperio Britanico, os Estados Unidos e a Russia dispõem de força em plena eficiencia, gozam de poderoso ascendente, mantêm posições geograficas e economicas suficientes e dominantes. Por outro lado o regime de relações internacionais que houve de estabelecer para a guerra criou um estado de facto em que se afundou, no que respeita á economia e a varios outros dominios, boa parte da autonomia das nações não só neutras como beligerantes. Embora nada autorize a supôr que esta orientação passou já das sugestões para os propositos ou possa passar dos propositos para as realizações, só o após-guerra porá concludentemente á prova a isenção daqueles paises que, tendo ensaiado, aliás com pesados encargos e durissimos sacrificios, a direcção mundial da vida, se encontrarão colocados entre a tentação de continuar a guerra na paz e a de buscar a paz como unica finalidade para que seria desculpavel ter feito a guerra.

Evidentemente não se aceitar a hegemonia ou sobreposição imperial não quere dizer que o ascendente natural da grandeza, da força, da importancia economica e da influencia politica de alguns Estados não se afirme de per si como realidade actuante e em certo modo responsavel, que esse ascendente possa ser desconhecido ou desprezado. As minhas maiores duvidas são apenas se este facto tem necessidade de se traduzir em direito: e o problema é só esse.

Seja, porém, qual fôr o futuro molde da organização internacional ou nova ordem no mundo, devemos ter por seguro que certo numero de factores se conjugam para conferir a Portugal maior importancia internacional, o que se traduz em maiores deveres e mais pesadas responsabilidades perante o nosso povo e para com as outras nações. Não podemos por modestia apagar-nos nem egoistamente fingir que adormecemos: despertar-nos-iam dolorosamente.

O conceito continental da Europa

Os acontecimentos parece levarem á destruição dum conceito de Europa, de base puramente continental, que aliás sempre considerámos amputação do seu ser moral, criado através da larga projecção no mundo—conceito portanto contrario á Historia e á grandeza e potencia civilizadora deste pequeno e torturado continente, fonte perene de civilização e generoso criador de nações. Por outro lado pareceme que a Europa irremediavelmente se divide, e só pelo facto da guerra se empobreceu, perdeu posições e em si propria se diminuiu. O problema está agora em não desperdiçar impensadamente as condições que lhe restam para a vida do ocidente. Felizmente toda a Africa é dependencia do ocidente europeu, formando com ele, em face da America e de polo a polo, a base material do papel que deve continuar a desempenhar no mundo.

Ora as circunstancias estão-se conduzindo de forma que um dos maiores centros da politica mundial, sobretudo emquanto os Estados Unidos entenderem do seu interesse ou do seu dever ajudar a Europa a levantar-se das ruinas da guerra, situar-se-á pela propria força das coisas no vasto Atlantico, e só por esse motivo os paises ribeirinhos serão chamados a um papel preponderante: a Inglaterra, a França, a Peninsula Iberica, os Estados Unidos, a America do Sul e nesta, em situação de relêvo, naturalmente, o Brasil, serão chamados a uma intensa colaboração, e através desta o ocidente europeu a um dos fulcros de orientação da politica geral.

A aliança com a Grã-Bretanha

Mas em face de tais perspectivas alguns preguntarão se terá ainda razão de ser a aliança com a Inglaterra. —Eis um problema que pode ser posto, e pode ser discutido, evidentemente fora dos assomos de irritação provocados por atitudes momentaneas ou incidentes ocasionais.

Ponhamos de parte a imprecisão da aliança (que não é culpa nossa ser imprecisa) e atentemos apenas na sua linha, mais determinada pela sua vida secular do que pela letra dos textos arquivados. Reduzida ao que poderemos considerar a sua essencia, a aliança é quasi só o entendimento mutuo e permanente duma certa posição peninsular e colonial, quanto a nós, de certa soma de serviços e seguranças que estas mesmas posições garantem, quanto á Inglaterra.

Pode assim dizer-se que tanto quanto serve Portugal, serve a Inglaterra, e tanto quanto serve a Inglaterra serve o ocidente europeu. O seu enquadramento na orientação geral acima definida é tão ajustado e perfeito que muito duvido tenha de tocar-lhe qualquer forma de organização da sociedade internacional, se esta não vai perder-se na região dos sonhos mas tenta ou deseja manter-se dentro das realidades da vida.

E nesta conformidade tudo o que se tem empreendido e realizado em duzia e meia de anos, aliás dificeis e tormentosos, tem o sentido de preparação para o desempenho de missões que a Historia se dispõe a confiar-nos —mesmo o nosso nacionalismo, mesmo o sentimento altivo da independencia, mesmo a firmeza e a indocilidade. A razão está em que os beneficios da aliança só podem ser exclusivos preciosos para a Inglaterra na medida em que traduzam serviços de verdadeiro aliado. A diminuição de autonomia ou independencia, a nossa subalternização não serviriam por isso a causa comum.

O funcionamento da aliança

São estas concepções geralmente partilhadas e têm sido mantidas através dos seculos aqui e no Reino Unido; a-pesar disso não podia esperar-se que as relações anglo-lusas decorressem sempre sem atrictos ou a mais pequena divergencia. Pelo contrario: a multiplicidade e importancia dos interesses em causa exigem por vezes as longas discussões que a confiança mutua permite francas e mesmo vivas, sem prejuizo da amizade.

No decurso da luta em que está envolvida, a Inglaterra teve até hoje três grandes pretensões, correspondentes a outras tantas necessidades: a conservação duma zona de paz na Peninsula, a guarda dos portos do Atlantico, as facilidades nos Açores. Além disso, naturalmente, direi até justamente, desejaria uma neutralidade benevola tanto quanto as circunstancias o permitissem. Estes os três ou quatro grandes interesses que jogavam como pedras fundamentais da sua politica de guerra. Mas enunciá-los é dizer que puderam ser satisfeitos.

Porque, sendo assim, se verificam ainda, aqui ou ali, sinais de descontentamento?

Embora compreender não seja razão de decidir, é preciso ter para essas reacções uma grande compreensão. A Inglaterra trabalha, sofre, combate numa atmosfera de exaltação, criada pela mesma gravidade do perigo e magnitude da luta. Os que vivemos nesta dôce e quasi imerecida paz mal podemos ajuizar dos sofrimentos materiais e morais, das preocupações e anseios não só de quem tem a responsabilidade de um grande Imperio, mas do nação que vive em conjunto os mesmos perigos e se dá toda á tarefa ingente de os debelar. Nós compreendemos a grandeza deste exemplo e a especial susceptibilidade de almas amarguradas ás quais uma demora, uma objecção, uma recusa, mesmo de pequenas coisas, se afigurará denegação de justiça: a ideia ou sistema de «guerra total» subjuga de tal modo os espiritos que estes tendem a dar valor absoluto, na marcha das operações, ao mais inocente tráfego da vida civil dos neutros.

A concepção de neutralidade

Verdade seja que hoje se defende não haver lugar para os neutros no mundo. A tese é já antiga: a ideia de defendê-la nasceu um pouco mais tarde, por engenhosa coincidencia, exactamente quando esses mesmos neutros não oferecem perigo de abandonar a neutralidade pela beligerancia inimiga.

Para além disto não julgo haver mais nada, senão talvez a rigidez com que defendemos certos principios. Mas fazêmo-lo por dois motivos: primeiro, por nem sempre ser facil distinguir onde acaba o realismo politico e começa a falta de pudor nacional; segundo, por não aceitarmos como legitimo o direito da guerra e procurarmos manter-nos fieis ao direito da paz Assim, não temos oscilado conforme as vicissitudes da luta nem mudado de opinião ou de lugar.

Mas retomemos o fio do nosso pensamento.

As responsabilidades no futuro

Se, por esta ou aquela forma não aumentar na paz as nossas responsabilidades, a maior preocupação é estarmos preparados para elas — Não falo do necessario condicionalismo externo, trabalhado para isso, mas da ordem interna; não me refiro ao solavanco que o fim da guerra ha-de causar em todos os paises, mas ás tarefas da paz. Aventuro-me a reduzir a uma expressão simples os factores essenciais -um Estado, uma Nação, uma politica. De qualquer momento, em quaisquer circunstancias se poderia dizer o mesmo, mas como vantagem ou utilidade maior agora afirma-se como condição indispensavel. Já disse alguma coisa da politica; falemos um pouco dos outros elementos.

Grande parte da Europa vai cair irremediavelmente na desordem: para aí a impelirão os efeitos da propria guerra, a miséria, os ódios, as divisões intestinas, o colapso da autoridade. Será grande beneficio colectivo levantar barreiras ao alastramento da anarquia, e fazer que os povos se libertem dela rapidamente, se têm a infelicidade de cairem suas vitimas. A ordem é sobretudo uma criação espiritual, mas a força pode firmar as condições em que os espiritos se aquietem e se neutralizem os factores adversos. Parece duvidoso que uma força exterior possa exercer só por si cabalmente, eficazmente esta função. No fim concluir-se-á que a mais segura fonte da autoridade é o Estado; só este pode dar-lhe aquele cunho de legitimidade que é a primeira condição da obediencia Um Estado forte, é assim a primeira necessidade; mas, uma vez mais, «não há Estado forte onde o Govêrno o não é».

Governos fortes e governos nacionais

Buscar-se-á êste Govêrno por diferentes caminhos, em cada lugar segundo as possibilidades—á direita, á esquerda, através de entendimentos, acôrdos, coligações, dentro de forças ou agrupamentos politicos, ou por fora deles e acima deles, senão contra eles. Haverá sobretudo uma ilusão—a de que um Govêrno nacional é um Govêrno forte. A verdade está, porém, no contrario: só um Govêrno forte pode ser um Govêrno nacional.

Esta caracteristica não bastará, porque um grande poder de decisão será necessario para enfrentar dificuldades e soluções, seriar necessidades, subordinar interesses, reconstruir cada qual a sua Patria, concertar-se com os mais para refazer a Europa. Essas combinações, entre soberanias diferentes, êsse trabalho quasi em comum no que a todos importa vai ainda exigir, segundo aliás a experiencia actual, a utilização em largas doses de um sis-

Vargas despediu-se
das tropas brasileiras
que vão combater «noutro continente»

RIO DE JANEIRO, 25.—O presidente Getulio Vargas, discursando aos soldados brasileiros, ontem á tarde, antes de principiar o desfile da primeira divisão da força expedicionaria que vai combater o nazismo na Europa, disse:

—Chegou a grande hora de honrar a Patria!

—Agredidos de uma maneira insólita e brutal—disse—vamos vingar o sangue dos nossos concidadãos, soldados e civis, mulheres e crianças. Felizmente, tambem desta vez fazemos uma guerra justa: a guerra de povos pacificos, ofendidos na sua dignidade que reagem contra os tiranos. Pela primeira vez em quatro seculos de historia dedicados á paz, vamos lutar noutro continente.—(R.).

A PARADA AEREA
na base da Ota

O ultimo numero da revista quinzenal ilustrada de actualidades internacionais «A Esfera» dedica á parada das forças aereas realizada há dias na base da Ota a capa da frente, publicando, além disso, outra gravura do mesmo notavel acontecimento.

Numero avulso: 1$50. Assinaturas: R. do Alecrim, 65, 1.º (telefone 21276).

V. Ex.ª quere saber?

O diamante significa: Reconciliação e amor.

A safira: Verdade e consciencia pura.
O Rubi: Beleza, elegancia.
O Topazio: Amor ardente.

Para comprar estes lindos talismans, procure a **GRANDE OURIVESARIA DA MODA.**

Rua da Prata, n.º 257 (Esquina da Rua de Santa Justa).

Ao efectuar os seus seguros, não deixe de consultar a

ULTRAMARINA

Os seus metodos modernos, a sua tradicional correcção, a sua solidez financeira, dão a V. Ex.ª a mais segura garantia.

Sede em Lisboa: Rua da Prata, 108 (Edificio proprio)—Telef. 23348/9—Estado 205

FEIRA D(

Abre no dia 27 de Mai(

Visite a Fei

Visite a Expo

TAPADA DAS NECE

ema de responsabilidades directas essoais.

Se isso tudo é compativel com os nhecidos metodos da democracia arlamentar, á moda continental, ver-se-á depois. Quanto a nós, fizemos m poucas décadas todas as experien-ias e percorremos todos os caminhos: abemos o nosso. Eis porque nos per-itimos com segurança, rever, crtiti-ar, discutir, para melhorar, em har-onia com as condições sociais e as li-ões da nossa e da alheia experiencia, s principios fundamentais e a pro-ria organica do Estado Português.

Estado e Nação

Para que o Estado não seja um fan-asma e o Govêrno que em nome dele ala ou age sombra inconsistente, é ecessario que a Nação represente mais ue poeira de individuos, sem ideal co-ectivo, sem consciencia de unidade em força ou aprumo em que assente seu prestigio. Para ser realidade po-tica a Nação não pode abstrair nem a solidez economica e financeira, nem o valor das suas forças armadas, nem o espirito de solidariedade entre os eus membros, nem da colaboração a restar na sociedade internacional. lá-de conhecer a interdependencia m que se encontra em relação a to-as as outras nações, e fará bem em uebrar ou atenuar, se puder, certas ependencias vitais. E, quando se tra-a de uma Nação como a nossa, pre-isa ainda de ter consciencia dos la-os morais que a prendem ás comuni-ades portuguesas por êsse mundo e, a unidade essencial com as provin-ias do Ultramar, parte integrante do osso ser colectivo. Afora as divergen-ias de pensamento na compreensão os problemas particulares, nenhuma iferença de conceitos fundamentais arece de admitir acêrca dos laços que os unem no agregado pátrio. Quero izer que não se é livre de viver ou ão a solidariedade nacional.

Em trabalho de muitos anos, desti-ado a melhorar as condições mate-iais e morais de vida dêste país, a fo-entar a economia, a sanear as fi-anças, a prestigiar a vida publica, a levar a educação, a orientar a juven-ude, a refazer o Exercito e a Armada, ver só o interesse colectivo tão fiel-ente que se apagasse toda a propen-ão para o espirito de partido ou de ian, a dignificar o trabalho e a ali-erçar a paz social, a realçar a supre-a dignidade de servir, a ordenar, de-envolver e apertar os laços que nos gam ao vasto Imperio; em tantos nos de trabalho, essa ideia de Nação, omo norte ou estrela, esteve sempre resente ao nosso espirito. Sinto que ão estamos ainda em face duma con-ista: tenho mesmo a sensação du-a obra que exige o sacrificio devota-o de varias gerações, mas, tal como a emos, a Nação portuguesa é já aquela nidade-factor de ordem, necessária constituição de qualquer ordem in-rnacional.

Confiança no futuro

Não desejo nem posso alongar-me ais. Não seria sincero dizer que mui-s e sérias preocupações não ator-entam o meu espirito, como o de to-os os homens que se debruçam por ver do cargo ou ansiedade intelec-al sôbre o tremendo conflito e as as consequencias. Mas, reflectindo em na valorização nacional que o re-me tem conseguido realizar e nos ementos ao nosso dispôr para maior alorização ainda, sou levado a ter nfiança no futuro. Que o Congresso esenvolva essas razões de confiança a faça partilhar, optimista e fecun-a, por todo o Povo Português!

Diversas passagens do discurso do . Presidente do Conselho foram in-rrompidas por quentes aplausos. E o final toda a assistencia se levan-u entusiasmada, soltando «vivas» e ndo prolongadas palmas.

A sessão de abertura do Congresso

Foi hoje solenemente inaugurado, com um importante discurso do sr. dr. Oliveira Salazar, o II Congresso da União Nacional.

A vasta sala de festas do Liceu de D. Filipa de Lencastre encontrava-se cheia de pessoas de todas as categorias sociais, estando o palco ornamentado com as quinas — o emblema da organização, panos com as côres nacionais, festões de louro e bandeiras nacionais e do Imperio.

Nas galerias viam-se diversos membros do corpo diplomatico, jornalistas portugueses e estrangeiros e outras entidades, entre as quais dezenas de senhoras

A' porta do edificio aguardavam os membros do Govêrno, os srs. professor dr. José Alberto dos Reis, drs. Madeira Pinto, Albino dos Reis, José Antonio Marques, Agueda de Oliveira e Marques de Carvalho, engenheiro Sebastião Ramires e coronel Santos Pedroso, da comissão executiva do Congresso; engenheiro Francisco Leite Pinto e dr. Manuel Ribeiro Ferreira, seus secretarios gerais; Rui Vaz, secretario geral da U. N.; coronel Esmeraldo Carvalhais, pelo protocolo; tenente-coronel Miguel Bacelar, segundo comandante da P. S. P., capitão Agostinho Lourenço, director da P. V. D. E.

A's 10 e 25, chegaram os subsecretarios de Estado do Comercio e Industria, da Educação Nacional e das Corporações, e pouco depois o sr. ministro do Interior.

Até ás 11 horas foram chegando os outros membros do Govêrno.

Quando o sr. Presidente do Conselho se apeou do seu automovel, organizou-se um pequeno cortejo até á sala, onde a sua entrada provocou uma onda de aclamações— palmas e «vivas».

O sr. dr. Oliveira Salazar assumiu a presidencia, dando a direita aos srs. professores José Alberto dos Reis, Fezas Vital e Caeiro da Mata e engenheiro Francisco Leite Pinto, e a esquerda aos srs. drs. Albino dos Reis e professor Manuel Rodrigues, engenheiro Sebastião Ramires e dr. Manuel Ribeiro Ferreira

Em frente da mesa, sentavam-se os srs. procurador geral da Republica, presidente da Camara Municipal de Lisboa, comandante geral da Legião, comissarios nacionais da Mocidade masculina e feminina, director da P. V. D. E. e outras entidades; á esquerda, os membros do Govêrno e elementos da União Nacional; e á direita, na primeira fila, os governadores civis, seguidos de deputados e procuradores e de diversos congressistas.

Em nome do chefe do Govêrno, o sr. dr. Albino dos Reis abriu a sessão, usando depois da palavra, como presidente da secção de politica interna do Congresso.

Fala o dr. Albino dos Reis

O sr. dr. Albino dos Reis começa recordando o 1.º Congresso da U. N., ha dez anos, dirigindo, a seguir, as suas saudações—e as de todos os presentes—ao sr. Presidente da Republica, presidente de honra do Congresso. Aponta, a seguir, as razões do Congresso, 10 anos depois do primeiro, quando, então, o Estado Novo contava apenas 8 anos de existencia.

—Nos mesmos—diz — a União Nacional, o Estado Novo, os homens que o servem e defendem, não podemos ter sido estranhos e insensiveis á acção do tempo, dos acontecimentos, ás reacções das nossas proprias soluções politicas, sociais e economicas, ao imperio das ideias que disputam a conquista dos espiritos E algumas vezes terão surgido hesitações, criticas, duvidas e interrogações.

Eis uma das razões do Congresso— mas, logo a seguir, afirma que «os nossos objectivos, na sua essencia, permanecem imutaveis». Aponta, então, as circunstancias que constituem a «maré alta dos acontecimentos» e refere a importancia e o volume das teses apresentadas ao Congresso. O sr. dr. Albino dos Reis termina o seu discurso com palavras de calorosa saudação ás fôrças armadas, «herdeiras da tradição heroica, garantia de integridade do Imperio», á Legião, á Mocidade e, finalmente, ao sr. dr. Oliveira Salazar, chefe do Govêrno e presidente do Congresso.

Muitas passagens do discurso, especialmente as de saudação ao Chefe do Estado, ao Presidente do Conselho, á Legião, á Mocidade e ao Congresso, foram calorosamente aplaudidas.

Fala o dr. Manuel Rodrigues

Falou depois, como presidente da secção colonial do Congresso, o sr. professor Manuel Rodrigues.

O antigo ministro da Justiça começa por afirmar que a secção de Colonias da União Nacional vai formular um certo numero de conclusões sobre o Imperio português nas suas condições de existencia e nas perspectivas que o futuro lhe abre. Na verdade, «os problemas coloniais são muitos, graves e de dificil solução, dada a grandeza do Imperio e a sua composição e dispersão».

Diz ser preciso partir da ideia de que «nós não iniciamos uma empresa», mas «apenas continuamos uma obra, melhor: actualizamos uma empresa antiga em harmonia com as possibilidades do mundo actual», afirmando, entretanto, que «nenhum país europeu trata as raças indigenas com mais carinho e respeito do que nós». Entende que a actividade colonial se orienta em dois sentidos: o aproveitamento da riqueza colonial e a acção populacional, problemas para cuja solução são necessarios recursos materiais, homens, principios e sentimentos.

—Com que principios se vai continuar a obra de colonização?—pergunta o sr. dr. Manuel Rodrigues. O principal principio é o da unidade de trato aos portugueses da metropole, e das colonias—e isto é uma base de alta expressão e significado, principio que vem de longe e com o qual «fizemos imperios e nunca dêle nos advieram dificuldades».

«Vem de longe êste principio e é necessario ser-lhe inteiramente fiel.

Termina, depois de recordar os construtores maximos do Imperio: o Infante, Gama e Cabral; Albuquerque, Correia de Sá, Mousinho e tantos outros, com a saudação a todos os povos portugueses, mesmo os mais distantes —os de Macau e Timor.

Ao ouvir esta saudação a todos os que vivem nas colonias e especialmente em Macau e Timor, toda a assistencia se levantou em aclamações vibrantes.

Fala o dr. Caeiro da Mata

O sr. professor Caeiro da Mata falou como presidente da secção de politica externa do Congresso:

Começa por saudar no sr. Presidente do Conselho o «grande artifice do renascimento português» e o «homem de Estado que, vivificando a nossa secular aliança com a Inglaterra e alargando as bases da nossa politica externa pelo entendimento luso-espanhol, que não tem só significado peninsular mas europeu, e pelo estreitamento dos laços fraternos com o Brasil, tão patrioticamente tem pugnado, através de todas as dificuldades e tambem de todos os perigos, pela segurança e pela tranquilidade da terra portuguesa». Alude ás circunstancias gerais do mundo, «cuja fisionomia se está transformando: estão em curso experiencias—e outras experiencias serão tentadas—que devem renovar o universo e a vida dos povos, moral e materialmente».

—Hoje, reconhecem todos—continua o orador—que os velhos principios sobre os quais se construira a vida dos povos foram preteridos e que o continente europeu, que foi durante tantos seculos a luz e a consciencia do mundo, tem de proceder á revisão da sua estrutura; e reconhecemos tambem que a Europa de hoje já não pode pretender ao caracter universal que teve no seculo findo: ela é, agora, simplesmente, um continente entre os outros e já não beneficia de nenhuma vantagem de posição.

O sr. dr. Caeiro da Mata desenha, a seguir, numa sintese perfeita e esclarecida, o quadro da Europa dilacerada, as bandeiras da guerra civil erguidas por aqui e por ali, para afirmar que «a nossa situação nesta Europa que vai nascer é daquelas que, sentindo que tudo vai mudar, não sabem como mudará, nem por que via, nem para que futuro». No entanto, os principios têm a sua forca moral — e o valor de quem lhes dá expressão tambem não é de esquecer. «Portugal— recorda—pela voz do seu Chefe, que tão alto tem afirmado o nosso prestigio no mundo, poderia ter alguma coisa a dizer» Refere, depois, a concepção comum á maioria dos homens de Estado—«a intima colaboração entre todas as nações, numa ordem pacifica internacional organizada». Mas faltam pormenores que dêem o aspecto definitivo da nova ordem internacional. Cita documentos, declarações publicas e atitudes oficiais dos representantes mais qualificados de algumas das grandes potencias, para deduzir:

—Seja como fôr, há um principio que parece sériamente ameaçado: o velho principio do equilibrio das potencias, que encontrou a sua formula ideal no concêrto europeu e de que o Conselho da S. D. N. foi a ultima e tacita consagração juridica.

O orador entra, depois, na apreciação do que poderá ser o estatuto juridico-politico dos pequenos Estados europeus, referindo a tendencia para a organização dos grandes espaços vitais e outros grandes problemas que são, hoje, do conhecimento e das preocupações gerais. Recorda o que foi a actividade da S. D. N. e a sua incapacidade perante as grandes dificuldades mundiais—concluindo com o reconhecimento de que «os instrumentos juridicos pelos quais se havia tentado consolidar a ordem na Europa jazem por terra». Para os substituir, «a questão crucial é a de saber se o principio da disciplina poderá ainda impôr-se e ser firmemente estabelecido» ou se, pel ocontrario, a anarquia internacional submergirá o mundo, isto é, se iremos assistir ao suicidio de toda uma civilização». Nêsse capitulo—«as unicas consideracões que podemos, nêste momento, fazer acêrca do futuro de tão indecisos horizontes, são de ordem espiritual». E cita as palavras do Sumo Pontifice, na sua mensagem á Cristandade, no dia de Natal. Termina afirmando que, quando a guerra tiver terminado, «se poderá, então, apreciar até que ponto Portugal soube pugnar pelas relações vitais e pacificas dos povos».

O orador foi muito aplaudido. E logo a seguir levantou-se o Chefe do Govêrno, que foi delirantemente aclamado, emquanto alguem gritava:

—Viva o nosso querido Salazar!

O sr. dr. Oliveira Salazar profere, então, o seu importante discurso, que publicamos noutro lugar

No Palacio de Belem

Os governadores-civis da metropole reuniram-se ás 15 e 30 no Ministerio do Interior para, com o respectivo ministro, irem, ás 16 horas, apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado.

A' hora a que fechamos o nosso jornal, está no Palacio de Belem a comissão executiva do Congresso, para apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado, devendo usar da palavra o sr. dr. Albino dos Reis.

LIVRO
Grandes abatimentos
do Livro
ção de Floricultura
HDADES ◆ ENTRADA 2$50

NEGRESCO Direcção ANGELO PEREIRA
RESTAURANTE DE PRIMEIRA ORDEM
Telefones — 26090 — 29583
39, Rua Jardim do Regedor, 45 — LISBOA — PORTUGAL

VEDETAS DO DISCO E DA RADIO
MANOLO BEL
E SUS MUCHACHOS
Em LISBOA! No Trindade

IMPERIUM SALÃO DE CHÁ
LANCHES BANQUETES ALMOÇOS JANTARES
Rua S. Justa 105 - T 27527

É anti-magnético

Em crome com fundo de aço. Preço fixo Esc. 470$00

A PRECISÃO *de um Tissot*

nunca é afectada pela electricidade

Todos os relógios Tissot são acompanhados por um Certificado de Garantia Contra Acidentes, válido por um ano. Qualquer que seja o acidente que sofra o seu Tissot, V. Sª tê-lo-á consertado completamente grátis.

O modêlo da illustração é em niquel cromado, com fundo de aço. A maquina é de 15 rubis e extra-forte. É anti-magnético e de absoluta precisão.

Tissot

O relógio garantido durante um ano contra acidentes

PREÇOS FIXOS NAS AGENCIAS OFICIAIS

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

UM FURTO DE CANETAS—Ao tribunal da Boa Hora foram enviados Antonio Fernandes Louso, José Lopes de Melo e João de Oliveira, acusados do furto de canetas de tinta permanente, avaliadas em 100 contos, que pertenciam á Papelaria da Moda.

AMIGOS DE LISBOA

No domingo, ás 15 e 30 horas, sob a direcção do sr. Matos Sequeira, o Grupo Amigos de Lisboa visita o Aqueduto das Aguas Livres.

REUNIÃO DE UM CURSO
do Colegio Militar

Reuniram-se hoje os componentes do curso de 1894 do Colegio Militar, para comemorar os 50 anos da sua «saida» daquele estabelecimento de ensino oficial.

Compareceram entre outros, os srs. general Manuel Latino, comandantes Carvalho Crato e Pedro Bom de Sousa; dr. Mario Moutinho, coroneis Azambuja Martins, Acacio Nunes, João Casqueiro e Arrobas Machado; capitão-picador Antonio Correia, engenheiro Simão Trigueiro Martel e dr. Leopoldo das Dores Saraiva.

Pelas 11 horas, foi celebrada missa na igreja da Luz, e, depois, deram todos entrada no Colegio Militar, onde o sr. general Manuel Latino, em nome do curso, saudou o director do colegio, sr. coronel Manuel Carvalho, que, em seguida, agradeceu. Realizou-se, depois, o almoço de confraternização que decorreu muito animado.

CLUBE BRASILEIRO

Está a despertar o maior entusiasmo o anunciado «Baile da Primavera», que se realiza no proximo sabado, pelas 22 horas, nos salões do Clube Brasileiro.

Elisa d'Oliveira

A modista que V. Ex.ª deve preferir para a confecção de suas toilletes. Em seu proprio interesse, visite hoje mesmo os Salões da casa de costura **de Elisa d'Oliveira, Avenida da Republica, n.º 4, r/c., D.** Telefone 4 9167 (ao Saldanha).

SUFRAGIOS
D. Maria Alfama de Melo Alvês da Veiga

Passando o 1.º aniversario do falecimento da sr.ª D. Maria Alfama de Melo Alves da Veiga, reza-se ámanhã, missa ás 10 horas, por sua alma, na igreja de Arroios.

PASSE O SEU FIM DE SEMANA NO **RICCO** DE CASCAIS

Excelente serviço de mesa
Esplendidos quartos frente ao mar
Av. D. Carlos I Telef. 159

Auburn
NOVO
Ver: Tr. S. Mamede, 7

Cão preto

Perdido «Pekinois», mão dianteira esquerda ponta branca. Favor entregar Rodrigo da Fonseca, 145, porteira, ou telefonar 5 1125. Boas alvissaras.

DINHEIRO

Empresta-se o máximo sôbre todos os objectos que ofereçam garantia na casa de empréstimos sôbre penhores.

45 Rua Presidente Arriaga, 47

(Tem casa forte para segurança de todos os objectos de valor)

Casa mobil. de luxe

e bom gosto, aluga-se, c/ telefone e todo conforto. 5 min. da Praça Pombal. Tel. 5 2383.

Grude vegetal

(Em pasta e em placas)

Especial para cartonagens, encadernação, trabalhos em madeira, etc., etc.

O MELHOR E O MAIS BARATO DE TODOS OS GRUDES ATE' HOJE APRESENTADOS

Mais um produto SOMAPEL

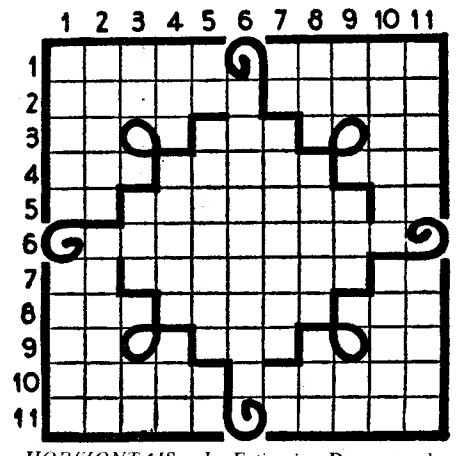
Pedidos de amostras e preços ao Distribuidor Geral:

JOAQUIM BAPTISTA MOTA

Rua da Madalena, n.º 162, 1.º **Telefones 22207-22637—Lisboa**

Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 563



HORIZONTAIS: 1—Estimais. Domesticador de serpentes. 2—Cidade da Jugoslavia, na margem direita do rio Savo. Estratagema. 3—Atmosfera. Cloreto de sodio. Nota musical. 4—Oferecer. Montões de molhos de palha, sobrepostos em forma de cone. Ilha do arquipelago de Querimba (Moçambique). 5—Simbolo quimico do ouro. Cortavas em bocadinhos. Conjunção que designa alternativa. 6—Tratado sobre o casamento. 7—Nociva. Limparam com agua. Aqui. 8—Eiró. Versejes. Vesicula que contém a bilis. 9—Laço. Preposição e artigo (pl.). Graceja. 10—Tolero. Aprazivel vila a curta distancia de Lisboa, onde foi assinada a convenção que autorizou Junot a retirar-se de Portugal com armas e bagagens. 11—Titulo de um admiravel romance de Eça de Queiroz. Criancinhas (fam.).

VERTICAIS: 1—Propicia. Escavam. 2—Mariola. Gaiata. 3—Simbolo da prata (quim.). Doença. Interjeição que designa dor. 4—Seguirá. Significar por mimica. Agora. 5—Pronome reflexo. Cidade de Espanha, capital da provincia do seu nome. Artigo (pl.). 6—Revelamos indiscretamente. 7—Utensilio. Trabalhos manuais. Prefixo de negação. 8—Senhores (abrev.). Feiticeiras. Liga. 9—Idem (abrev.). Consentimento. Simbolo do volframio (quim.). 10—Capital do Imperio português. Feche. 11—Uniu. De outro modo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 562

HORIZONTAIS: 1—Estala. Capa. 2—Verseja. Lar. 3—Aves. Varzino. 4—Cimo. Aurea. 5—Ugar. Salda 6—Antas. Soara. 7—Eólia. Usar. 8—Largo. Copo. 9—Amargor. Além. 10—Côr. Anémona. 11—Eras. Amares.

VERTICAIS: 1—Evacua. Mace. 2—Sevigné. Mor. 3—Trem. Atolara. 4—Asso. Ralar. 5—Leva Sirga. 6—Ajaus. Agona. 7—Arras. Orem. 8—Zetou. Cama. 9—Aliadas. Olor. 10—Pan. Arapene. 11—Aros. Aromas.

Coimbra em festa
com a «Queima das Fitas»

COIMBRA, 25 (Pelo telefone).—Prosseguem com grande animação as festas da «Queima das Fitas» que trazem em alvoroço os estudantes e que á cidade atraíram numerosos forasteiros. O baile das Faculdades terminou esta manhã, num ambiente de distinção e de deslumbramento, para o qual concorreram muitas familias vindas de varios pontos do país.

Esta tarde, no campo de jogos de Santa Cruz, houve varias provas desportivas e uma demonstração de futebol entre a actual «équipe» da Associação Academica e a vencedora da Taça de Portugal de 1939, alinhando nesta, entre outros, os drs. Tiberio, José Antunes e Arnaldo Carneiro.

Foi ali inaugurada uma lapide de homenagem ao sr. dr. Armando Sampaio, antigo desportista da Associação Academica.

A convite do professor dr. Bissaia Barreto, o curso do 5.º ano medico visitou, esta tarde, o hopistal Sanatorio da Colonia Portuguesa no Brasil.

O conselho de «veteranos» vai dirigir uma mensagem ao sr. embaixador do Brasil que, por motivo de doença, não pôde assistir ás festas. Essa mensagem, em pergaminho, com ricas iluminuras, é encerrada numa pasta de quintanista, ilustrada com pinturas de Fausto Gonçalves.

A' noite, realiza-se o sarau no teatro Avenida e continuam os festivais no Parque da cidade. Trinta gaiteiros e uma banda de musica percorrem a cidade, e o estralejar de foguetes e morteiros completa a festa.

Festa Nacional da Argentina

A Argentina comemora hoje a sua festa nacional, o aniversario da proclamação da Independencia. Por tal motivo, foi muito cumprimentado o seu ministro em Lisboa, o sr. D. Edgard Perez Quesada, que no palacio da Legação deu recepção á colonia.

PIERRE HOURCADE EM BEJA

BEJA, 25.—Na biblioteca da Camara realiza-se, no proximo sabado, a convite do Centro de Cultura Luso-Francês do Baixo Alentejo, uma conferencia do escritor Pierre Hourcade sobre «Alguns aspectos de intercambio literario luso-francês no seculo XIX».

COLONIA DA GUINÉ

O *Diario do Govêrno* publica hoje uma portaria criando a missão zoologia da colonia da Guiné.

Um padeiro e um leiteiro
condenados em prisão correccional

Os leiteiros e padeiros continuam a dar que fazer ao Tribunal Colectivo dos Generos Alimenticios. Abilio Pereira dos Santos, com leitaria na rua de S. Bento, 240, que respondeu em quatro processos, dois respeitantes a falsificação de leite com agua e os restantes por manteiga com excesso de huminade, foi absolvido em dois processos e condenado em outros dois, um referente a manteiga e outro a leite, em 5.000$00 de multa em cada um, 45 dias de prisão correccional não remiveis a dinheiro, 1.500$00 de imposto de justiça e a afixação do acordão á porta do estabelecimento; Panificadora de S. João da Praça, Ld.ª, de Lisboa, e Felix Pereira, amassador, responderam no mesmo processo, acusados de adicionar ás massas de primeira qualidade farinha de milho, sendo a firma condenada na multa de 5.000$00 e 1.000$00 de imposto e o amassador em 5.000$00 de multa, 50 de imposto e 30 dias de prisão correccional, sendo a pena referente á multa suspensa por dois anos; Sousa & Faria Ld.ª, Porto, padaria na rua Antero do Quental, por ministrar, na farinha de 2.ª, farelo e «cabecinha», em 3.000$00 de multa e 250$00 de imposto de justiça; Antonio de Almeida Ribeiro, vendedor ambulante, por vender leite com agua, em 3.000$00 de multa e 500$00 de imposto de justiça; Manuel Pereira da Silva, e Maria Augusta Silvana Diogo Rodrigues, ambos de Lisboa, por adicionarem agua no leite, respectivamente nas multas de 2.000$00 e 50$00 de imposto de justiça.

A ALDEIA OLIMPICA
na quinta das Conchas começou hoje a funcionar

Começou hoje, de tarde, a funcionar a aldeia olimpica, armada pelas quinas de campismo dos centros da Ala de Lisboa, na quinta das Conchas, ao Lumiar, que se destina aos filiados representativos da provincia que vêm tomar parte nas festas de encerramento da Campanha Nacional de Educação Fisica, da Mocidade Portuguesa.

De manhã, pelas 5 horas, começaram a chegar a Lisboa os primeiros atletas e desportistas da Mocidade Portuguesa. Durante o dia, continuaram a afluir á aldeia olimpica varias delegações e, á noite, são esperadas as ultimas.

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provavel amanhã em Portugal, segundo a previsão dos Serviços Meteorologicos do Exercito:

Tempo de trovoadas, principalmente durante a tarde e no interior. Vento predominante N, moderado. Temperatura sem grande modificação.

Temperaturas extremas em Lisboa hoje, até ás 16 horas, segundo os registos do Observatorio Infante D. Luiz: *maxima, 25°,1; minima, 17°,1.* No mesmo dia do ano passado: *maxima, 26°,5; minima, 14°,2.*

IMPRENSA
«Diario de Coimbra»

O nosso prezado colega «Diario de Coimbra», actualmente dirigido pelo sr. professor dr. Virgilio Correia, completou mais um ano de publicação. Endereçamos-lhe as nossas melhores saudações.

T. S. F.

Reparações em toda a classe de receptores por muito dificeis que sejam, executam-se na bem conhecida

ELECTRO-LISBOA, L.DA

Basta telefonar e, sem mais incómodos, V. Ex.ª receberá o seu Rádio devidamente afinado

ORÇAMENTOS GRÁTIS

246, 248. RUA AUGUSTA — Tel 20568

ABRIU A FEIRA
e o seu êxito foi esplendoroso

Lisboa já tem o seu divertimento predilecto. A Feira abriu. De tarde, oficialmente, inaugurou-a e percorreu-a interessadissimo o Chefe do Estado, acompanhado do elemento oficial, sua casa militar e ministros, e de toda a direcção de «O Seculo», que está de parabens. Toda a Imprensa se associou ao acontecimento, e o «Diario de Lisboa» representou-se em todos os actos na cerimonia oficial. A Camara Municipal, como não podia deixar de ser, dado o interesse que a iniciativa lhe mereceu, sob varios aspectos, estava representada pelo seu presidente, tenente-coronel sr. Salvação Barreto.

A' noite coube a inauguração ao publico. Concorrencia enorme, satisfação e compreensão pelo esforço dêsse grupo de colaboradores da realização da ideia, notoriamente Carlos Alberto Pereira da Rosa, Matos Sequeira, Jorge Segurado, Joaquim Pavão e Carlos Santos.

Rarissimas foram as barracas ou os «stands» que não abriram as suas portas. Funcionaram as grandes atracções, patentearam-se os escaparates das industrias, estiveram á cunha as barracas de sugestivo e pitoresco tradicionalismo. Houve corridas de «toiros». A iluminação surpreendeu pelo bom gosto e acertada distribuição.

Ao contrario do que sucedeu o ano passado, de começo, os feirantes não se alargaram no preço dos seus comercios, excepção feita a meia duzia, que vão ser chamados á ordem.

No conjunto, a II Feira Popular de Lisboa, cujo produto integral se destina á Colonia Balnear, que «O Seculo» há muito mantem, marca alguns pontos sôbre a de 1943. E o publico correspondeu e corresponderá.

Micro-submarinos britânicos actuam no mar do Norte

LONDRES, 25 — Os micro-submarinos britanicos continuam a desenvolver uma intensa actividade ao largo dos fiordes da Noruega. Nos ultimos três dias torpedearam e afundaram 4 barcos mercantes inimigos, com um total de 20 mil toneladas e danificaram outros dois de menor tonelagem. —(United Press).

O PORTO pelo telefone
Roubo importante

PORTO, 25—O sr. Isidoro Antonio Pereira Paranhos, proprietario, na Quinta do Lindo Vale, queixou-se á Policia de que os gatunos assaltaram um predio que possue, no largo do Terso, onde arrombaram moveis e furtaram objectos no valor de 50 contos.

Morte misteriosa dum casal

Ao principio da tarde de hoje, soube-se a noticia de que no quarto de um hotel, tinham aparecido mortos um homem e uma senhora, decentemente vestidos, sem que se saiba, á hora a que telefonamos, suas entidades. O casal entrou para o hotel, ontem, ao começo da noite, tendo o cavalheiro dado o nome de Filipe Mendes. Hoje, depois de terem tomado o pequeno almoço, não sairam, tendo feito do quarto alguns telefonemas. Nem o pessoal, nem os hospedes, deram por qualquer anormalidade.

A direcção da P. I. C. já tomou conta da ocorrencia. Os cadaveres devem ser removidos esta tarde para o Necroterio, depois do exame directo.

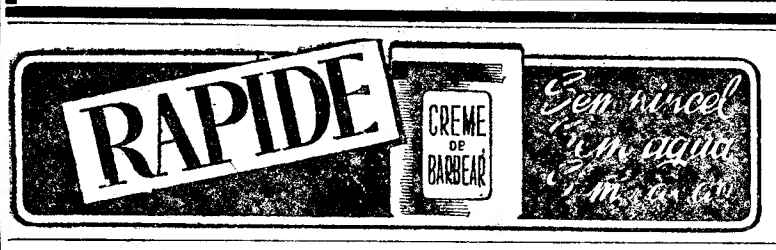
BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Cons.do 2 1/2 T. 10 1943	972$	971$	973$
Consolidado 2 3/4 T. 10	969$	968$	970$
Consolidado 3% T. 10	1.003$	1.002$	1.004$
Consolidado 3 1/2 T. 10	—	1.048$	—
Consolidado 3 3/4 T. 10	1.046$	1.046$	1.047$
Consolidado 4% T. 10	1.008$	1.007$	1.009$
Consolidado 4 3/4 T. 10	—	1.111$	—
Centenarios 4 %	2.420$	2.417$	—
Obgs. Tes. 3 1/2 T. 10	—	1.060$	1.070$
Externas 1.ª série	—	1.800$	1.840$
Externas 1.ª carimbadas	1.840$	1.800$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.900$	1.920$
Caut. 3.ª série s/ juro	—	285$	287$
Do Brasil			
Emprestimo			
5% 1895. I. 100 £...	4.120$	4.120$	4.150$
5% 1895. T. 500 £...	—	4.100$	4.200$
5 % 1903, Porto Rio.			
Titulos de 100 £.....	5.800$	5.800$	5.850$
5% 1913, Titulos 100 £	4.150$	4.150$	4.200$
5% 1913 Titulos 500 £.	—	4.100$	—
5% 1914, F. T. 20 £...	—	6.500$	—
5% 1914. F T 100 £...	—	6.650$	7.000$
Acções			
Esp. St.º e C. Lx.ª port.	—	2.625$	2.630$
Lisboa e Açores por...	—	910$	920$
Ultramarino cp. T. p.	—	351$	354$
Mundial...	1.600$	1.590$	1.605$
Nacional...	—	—	1.850$
Aguas Lisboa port. ...	—	—	5.000$
Aguas Lisboa 1934 T. p.	227$	—	228$
Cervejas Estrela	—	1.800$	1.900$
Cimentos Tejo..	—	480$	—
Cimentos Leiria T. p....	—	780$	800$
Credito Predial por. ...	29$	28$	29$
Gás e Electricidade cup.	275$	275$	275$
Alto Alentejo cupão...	925$	923$	928$
Industrial Aliança... ...	387$	387$	388$
Portugal e Colonias ...	312$	312$	312$
N. de Navegação T. p.	991$	988$	995$
Colonial de Navegação	1.300$	1.295$	1.310$
Portug. de Pesca T. p.	910$	900$	—
Port. Tabacos cupão...	540$	540$	541$
Tabacos Portugal cupão	—	—	670$
União Electrica Portug.	—	512$	—
Cassequel	947$	947$	948$
Agricola das Neves ...	686$	—	687$
Agricultura Colonial ...	—	450$	465$
Açucar de Angola	1.380$	1.380$	1.385$
Buzi 1.ª emissão T. p.	190$	190$	190$
Ilha do Principe	570$	—	—
Roça Vista Alegre. ...	382$	381$	385$
Zambezia I de 25...	79$	79$	79$
Obrigações			
Norte de Portugal 5%	119$	118$	119$
C. P. 6 %	—	245$	—
C. P. 6 % Beira Baixa	—	251$	—
F.N.I. Moagem 5% T.p.	—	—	1.040$
União Elect. Port. 5%	—	105$	108$

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos 15$00



Mais navios de guerra
para os Estados Unidos

WASHINGTON, 25.—O Departamento da Marinha anuncia que foram hoje encorporados no efectivo da Marinha de Guerra dos Estados Unidos mais 6 novos submarinos, 4 contratorpedeiros, 2 cruzadores ligeiros e 3 porta-aviões de escolta.—(U. P.).

TERMAS DE CALDELAS

Doenças do aparelho digestivo

CINDROMOS COLIBACILARES

10 DE JUNHO A 10 DE OUTUBRO

MONTIL

Ourivesaria, joalharia e relojoaria. Compra, vende e troca aos melhores preços, joias, ouro, pratas e relogios.

OURO A PESO SEM FEITIO

RUA MORAIS SOARES, N.º 95-B

UNICOTE

TINTA A ÓLEO, MATE, LAVÁVEL

Ideal para Decorações de Interiores, não contendo chumbo, nem matérias acépticas

Grande facilidade no seu emprêgo

Optimo poder de cobertura

Fornecida em 40 tons diferentes

::PRONTA ENTREGA::

Depositários exclusivos:

GME. GRAHAM JR. & C.a

Rua dos Fanqueiros, n.º 7 LISBOA Tel. 2 0066

Rua dos Clérigos, n.º 6 Tel. 880 PÔRTO

O avanço canadiano no vale do Liri chegou a 17 km. para além de Cassino

LONDRES, 25. — Todas as defesas fixas de Kesselring foram agora anuladas. O grande avanço canadiano, no vale do Liri, levou as vanguardas dos tanques canadianos a 17 quilometros de Cassino. A bolsa alemã de Pontecorvo parece que não terá qualquer probabilidade de escapar.—(R.).

A surpresa do avanço

LONDRES, 25—Os tanques canadianos do 8.º Exercito formaram a vanguarda, num avanço de 5 milhas, depois de explorar uma brecha aberta na Linha Hitler, ao norte de Pontecorvo. Passaram por essa linha com tal fôrça que tornaram insustentavel a posição dos defensores alemães. Alguns troços da posição são ainda defendidos pelas tropas de choque alemãs. Não apareceram tanques alemães a interceptar o avanço.—(R.).

Novas brechas na Linha Hitler

NAPOLES, 25 — Comunicam esta manhã, da frente de batalha, que as forças do 8.º Exercito britanico fizeram novas e importantes brechas na Linha Hitler e prosseguem na sua arremetida, vencendo a desesperada e encarniçada resistencia alemã. Ocuparam novas alturas e pontos estrategicos e fizeram muitas centenas de prisioneiros alemães. Causaram ao inimigo pesadas baixas e apreenderam muito material belico.—(U. P.).

O avanço na Via Apia

ANZIO, 25.—As tropas anglo-americanas desta testa de ponte fizeram novos e importantes progressos nas ultimas 24 horas, alargando consideravelmente o troço de dois quilometros da Via Apia, que haviam ocupado primitivamente. Desalojaram os alemães de muitas dezenas de posições fortificadas e de pontos estrategicos e desmantelaram ou apreenderam 42 tanques, 30 carros blindados, 28 canhões, 64 veiculos motorizados, 80 metralhadoras, outro material e grandes porções de munições.—(U. P.).

A população de Roma segue ansiosamente o desenvolvimento das operações

BERNE, 25—Noticias de Roma dizem que a população da capital segue ansiosamente o progresso das operações aliadas na frente sul do país.

Um comunicado do general Alexander fez com que os patriotas italianos realizassem grandes sabotagens no norte da Itália.

Calcula-se que mais de 15.000 civis, excelentemente armados, que se encontram nas imediações da fronteira francesa e a oeste e ao norte de Turim, tenham tomado parte activa, nas destruições das pontes, vias ferreas e comboios, que ultimamente se registaram naquelas zonas.—(U. P.).

Pontecorvo foi ocupada pelos canadianos

(Continuação da 1.ª pag)

sobre algum do terreno mais dificil de toda a campanha italiana. As tropas da testa de ponte perfuraram as poderosas defesas inimigas, construidas para evitarem que as forças da testa de ponte participassem no avanço da nossa frente principal».—(R.).

A ocupação de Pontecorvo

LONDRES, 25.—O correspondente especial da Reuter junto do 8.º Exercito telegrafou a anunciar que as tropas canadianas ocuparam a cidade de Pontecorvo.—(Reuter).

O avanço dos exercitos aliados

LONDRES, 25.—Comunicado do Q. G. Avançado dos Aliados:

«*Exercito*—Os exercitos aliados na Italia obtiveram novas vitorias. Ao principio do dia de ontem unidades blindadas canadianas avançaram através da brecha aberta na Linha Adolfo Hitler seguidas pela infantaria canadiana, penetrando profundamente nas posições inimigas e atingindo o rio Melfa. Na frente principal do 5.º Exercito, o inimigo foi forçado a ceder terreno em muitos pontos. As nossas tropas ocuparam Terracina, Sonnino e Rocca Secca delle Volci. As forças do 5.º Exercito da testa de ponte de Anzio continuaram a abrir caminho combatendo através do sistema defensivo do inimigo. Foi cortada a estrada ao norte de Cisterna e fizemos mais de 1.100 prisioneiros.

Aviação—Emquanto a nossa aviação tactica intensificava as operações na Italia, poderosas formações de bombardeiros pesados, com escolta de caças, dirigiram-se para a Austria, a-fim de atacar uma fabrica de aeronautica e os três aerodromos da região de Viena, o aerodromo de Graz e objectivos varios de Neukirchen. Outros bombardeiros pesados atacaram objectivos de Avision e o viaduto e o aedromo de Zagreb. Bombardeiros medios atacaram linhas ferreas e pontes na região de Florença e objectivos á retaguarda da zona da batalha e ainda um grande deposito de munições proximo de Campiglia. Bombardeiros ligeiros e caças bombardeiros estiveram activos durante todo o dia atacando estradas, caminhos de ferro, posições de artilharia, concentrações de tropas, depositos de abastecimentos e transportes motorizados. Dêstes um grande numero foi destruido. Os nossos caças continuaram em reconhecimento e realizaram patrulhas ofensivas. Ontem á noite, bombardeiros medios e pesados atacaram varios objectivos na zona de Valmontone. Durante as operações do dia foram abatidos pelo menos 55 aparelhos inimigos. Perdemos 20 bombardeiros pesados e 11 aparelhos de outros tipos. Avistaram-se 80 aviões inimigos sobre a zona da batalha. A aviação aliada realizou 2.950 surtidas».—(R.).

Ocupação de Lavilla

ANZIO, 25.—As tropas anglo-americanas, depois de formidaveis combates, ocuparam a cidade de Lavilla, situada a 1.600 metros a oeste de Cisterna, no caminho de ferro Roma-Napoles. Apoderaram-se tambem dum importante troço da linha ferrea de Albano e fizeram grande numero de prisioneiros.—(U. P.).

10 mil prisioneiros

NAPOLES, 25.—Desde o começo da actual ofensiva, os Aliados fizeram já mais de 10.000 prisioneiros alemães.—(United Press).

Comunicado oficial alemão

GRANDE QUARTEL GENERAL DO FUEHRER, 25.—Comunicado:

«A grande batalha defensiva da Italia aumenta de violencia, pois o inimigo põe em acção numero crescente de formações blindadas.

Na extremidade da ala ocidental da testa de ponte de Nettuno, foram repelidos os ataques do adversario e um destacamento que desembarcou na retaguarda da nossa frente foi aniquilado, num contra-ataque.

A sueste de Aprilia prosseguem os duros combates. Na região dos dois lados de Cisterna, colmatámos as brechas locais, em frente das posições de artilharia, e contivemos a investida inimiga, depois de encarniçada luta. Foram repelidos, em parte graças a contra-ataques, poderosos assaltos, levados a efeito por formações adversas numericamente superiores, contra a cidade. Foram destruidos 17 carros inimigos.

Em obediencia a ordens recebidas, as nossas tropas cortaram o contacto com o adversario, na zona de Littoria, fixando-se a nordeste, nas faldas das montanhas, para efectuar a junção com as formações que recuaram do sector de Terracina, em direcção ao norte. Não obstante a forte pressão do inimigo, estes movimentos decorrem de conformidade com os planos estabelecidos.

No sector dos dois lados do Liri, o inimigo prosseguiu nos seus ataques, apoiando-se em forças superiores, auxiliadas por ataques continuos de caças bombardeiros e de poderosas formações blindadas. As nossas tropas opuseram-lhe renhida resistencia e contiveram as colunas adversas, na região a sudoeste de San Giovanni e de Rocca Secca. Nessa ocasião, foram destruidos 50 carros de combate contrarios.

Malograram-se, com perdas para o inimigo, novos ataques á localidade de Piedmonte, os quais foram apoiados por carros de combate.

Na noite de ontem, aviões de escolta e pequenos barcos armados, da Marinha de Guerra, afundaram, nas paragens de Liorne, uma vedeta rapida, armada de torpedos, do adversario.

Na frente leste, não se assinalaram acontecimentos de importancia.

Durante o dia de ontem e a noite passada, formações aereas anglo-americanas realizaram numerosos ataques de terrorismo. As nossas forças de defesa antiaereas, destruiram 139 aviões inimigos, 115 dos quais bombardeiros quadrimotores.

Mais 16 aparelhos foram derrubados no ceu italiano e sobre territorios ocupados a Ocidente. Os ataques diurnos, levados a efeito sob a protecção de uma forte escolta de caças, visaram Berlim, Wiener-Neustadt e varias localidades da região de Viena.

De noite, a cidade de Aix-La-Chapelle foi alvo de um ataque de terrorismo britanico. Foram causados estragos e perdas em vidas humanas, principalmente nos bairros de habitação da capital do Reich e de Aix-La-Chapelle.

A noite passada, alguns aparelhos ingleses isolados lançaram bombas sobre a aglomeração berlinense.

A's primeiras horas de hoje, aviões de combate rapidos alemães bombardearam, de novo, com exito, objectivos determinados da Inglaterra oriental.—(D. N. B.).

Roosevelt conferenciou com os chefes militares ácêrca da invasão

WASHINGTON, 25. — O presidente Roosevelt teve uma importante conferencia, que durou mais de quatro horas consecutivas, com os chefes das forças de Terra, M(ar e Ar, á qual assistiram Stimson e James Forrestal, respectivamente secretarios da Guerra e da Marinha. Afirma-se que os assuntos tratados na conferencia se relacionam com a proxima invasão da Europa pelas forças aliadas.—(U. P.).

Submarinos alemães afundados no ataque a um comboio

RIO DE JANEIRO, 25.—Forças aeronavais brasileiras e norte-americanas afundaram, ao largo da costa do Brasil, dois submarinos alemães, de um grupo de seis que atacou um importante comboio maritimo aliado. Mais dois submarinos foram atingidos sériamente e, provavelmente, afundados. Três barcos do comboio sofreram avarias ligeiras. Não houve baixas entre as tripulações.—(U. P.).

Berlim sofreu ontem á noite novo ataque aereo

LONDRES, 25.—Centenas de bombardeiros ingleses efectuaram a noite passada um ataque ao centro ferroviario alemão de Aachen, situado proximo da fronteira com a Belgica, e a importantes objectivos militares proximos de Antuerpia e no norte da França.

Numerosas formações de bombardeiros «Mosquito» voltaram, ontem á noite, a desferir um novo e violento ataque a Berlim.

Perderam-se 28 bombardeiros.—(United Press).

Aix-La-Chapelle sob as bombas aliadas

BERLIM, 25.—Grupos de bombardeiros britanicos ligeiros atacaram depois da meia noite, bairros da cidade de Aix-La-Chapelle, lançaram bombas explosivas e incendiarias.

As forças da defesa antiaerea alemã travaram imediatamente luta contra o inimigo e abateram um certo numero de bombardeiros quadrimotores.

Aviões de flagelação britanicos, isolados, fizeram uma incursão sobre o espaço da Alemanha setentrional e lançaram bombas sobre a capital do Reich.—(D. N. B.).

Está constituido o novo govêrno grego

AMSTERDÃO, 25.—O serviço de informações britanico informa do Cairo que os nomes dos membros do novo govêrno emigrado grego foram publicados ontem á tarde.

Papandreou foi nomeado Primeiro ministro e ministro dos Negocios Estrangeiros.

Venizelos será vice-presidente do Conselho.—(D. N. B.).

Semana das rosas na Curia
DE 20 A 28 DE MAIO
Dias 27 e 28, às 17 horas
CHA' DANSANTE NA PISCINA-PRAIA

De excepcional importancia

E' adoptarmos uma agua de mesa com os predicados da «**AGUA DO CRUZEIRO**». Informe-se ou experimente esta agua do SOLAR DA VACARIÇA—LUSO. As constantes analises classificando-a de purissima, a sua leveza e sabor comprovam, em absoluto, ser a melhor agua de mesa de Portugal.
DEPOSITARIOS: CONTRERAS & CONTRERAS, LD.ª—R. DE S. BENTO, 634
TEL. 6 3033.

— FLEETWOOD —
Uma nova marca que marca
Fume FLEETWOOD Preço 8$00
Agentes — TABACARIA INGLÊSA — Lisboa

NEGRESCO Uma realização de ANGELO PEREIRA
Ponto de reunião da Lisboa elegante
TODAS AS TARDES! TODAS AS NOITES!
Chás Dançantes — Soirées Dançantes
«STAR DUST» um conjunto de criações internacionais
Dois pianos — VILARET e TEIXEIRA
Dois acordéons — VILARET e MACHADO
Um grande cantor de tangos e canções modernas ALFREDO LOPES
Telefone 29583 — NEGRESCO

PAGINA LITERARIA

Virgilio Ferreira, autor do «E tudo foi morrendo», é um dos romancistas mais vigorosos da moderna geração. O autor, que já nos dera um lucido estudo sobre o estilo de Eça de Queiroz, revelou-se agora um extraordinario observador de caracteres. As figuras do «E tudo vai morrendo», arrancadas á verdade do seu drama, são das mais poderosas, como relêvo psicologico, das que existem na nossa literatura. Eis um prosador que se afirma, com os dotes verdadeiros dum notavel romancista. Só há que pedir-lhe que prossiga a sua obra—tão intensa e inquietante de sofrimento humano

O PRETO NO BRANCO

Dois versos admiraveis

A palavra humana é, na verdade, um instrumento maravilhoso. Na linguagem corrente serve toda a nossa vida de relação quotidiana. Na prosa literaria, quando o prosador tem talento, cinge-se á ideia, descreve com precisão e nitidez, sugere imagens e criadora de beleza. Na linguagem das Ciencias vai até onde pode ir e só quando chega o momento de exprimir as coisas inefaveis é que cede o lugar á matematica—lingua que não é dos homens e que pertence a um (clan» da especie humana que, especialmente, a entende e a fala. O alfabeto, a morfologia, a sintaxe dessa lingua, só raros os possuem. Para os outros é como a escrita cuneiforme ou hieroglifica ou como certas linguas asiaticas que não têm verbos e em que intervem o tom, o canto, as escalas sonoras, para ajudar a expressão. Mas, sobretudo, onde o verbo humano é admiravel é entre os poetas. Nêstes não se trata de gramatica, nem de logica, nem de dicionario. Mas a materia prima da poesia continua a ser o vocabulo. E o que os poetas fazem com êste material é admiravel. E' certo que, as mais das vezes, as suas expressões são incomunicaveis. O «quid», o não sei quê indefinivel que é o segredo do poeta, é, a maior parte das vezes, um segredo que morre com ele. E' por isso que o vulgar dos homens fica tão indiferente diante de certas composições poeticas, como diante duma pagina impressa de calculo matematico. Este, com tenacidade e esforço, ainda se pode compreender. O outro nunca.

Sucede, porém, ás vezes, que um grande poeta, por um sortilegio da sua arte divina, consegue comunicar-me coisas, su-

RAMADA CURTO

(Continua na pag. seguinte)

Não insistas mais

Não insistas mais, não insistas. Eu
nada posso dizer, só sei calar:
E' um segredo que Deus quis só meu,
sinto-o apenas, pois não o sei contar.

Como sucede á areia, quando o mar
sobre ela avança, toda se escondeu,
em mim, a ansiedade de te olhar,
quando, sobre mim, teu olhar se ergueu...

E como a areia, amor, que vive a ouvir,
de rastros, o que o mar lhe canta e reza,
sem dizer nada e sem poder fugir,

assim vive a minha alma, que ficou,
num certo dia, endoidecida e presa,
quando o mar dos teus olhos a inundou...

Vila Viçosa.

MARIA GUIOMAR AMARO

OS NOSSOS CONTOS

Recordação de Antunes da Silva

Suavisa a minha dôr, mãezinha. Dá-me esses carinhos que me davas quando uma vez te preguntei porque era que o pai andava triste. E tu abraçaste-me, beijaste-me, não me disseste nada e fôste deitar-me no canapé de palha que ficava na casa interior.

Olha, mãezinha. Mesmo agora, emquanto descia a rua que vai dar ao nosso predio, eu sofri pela saudade da tua presença. As coisas que eu pensei. De grandes casos do nosso bairro envolvidos naquela naturalidade lugubre de todos os sofrimentos superiores. Tu quiseste que eu contasse e eu contei. Era uma manhã farta de chuva. Tristeza. Os olhos das pessoas baixavam-se orvalhados de duvida. As carripanas dos padeiros buliam orquestrações iguais pelo empedrado.

—Diz-me lá por que foi que o noivo da criadita partiu?—preguntaste.

—Eu conto...

Batiam horas na oficina do alfaiate. A rua, no mesmo murmurar monotono, ainda assim parecia um cinema: gente a olhar a janela do senhor Raimundo donde saíam sons de gritos e choros.

O vapor partira na tarde do outro dia para a Guiné. O escrito que ele mandara fôra lacónico: «Desejo, mesmo á hora da partida, emquanto deixo aí todo o direito que a minha existencia exigiu, que sejas feliz. Amei-te porque vi na tua cara a inocencia. Falei-te em casamento. Tu até abriste muito esses teus olhos negros e choraste de alegria. Acreditei-te. Má hora essa. Se a vida me tem dado tantas negas, se os homens me têm mostrado tanta vaidade e tanto egoismo, porque não havia de calhar a vez a uma mulher de destruir um dos mais belos sonhos da minha vida? Mas deixá-lo. Já é tarde. Parto. Deixo aí todos os vestigios, todos os anseios, todas as dores que sofri pela ausencia dum bocadinho de afecto. Mas desejo, nesta retirada voluntaria que faço ao sol da minha desilusão, que tu vivas bem, que vivas sempre bem. Mas uma coisa te peço sinceramente: que sejas mais constante, mais correcta e mais grata a todos os corações iguais ao meu».

A criadita leu e releu a carta mas não quis acreditar. Chovia. Há hora e meia que chovia. Quando o sr. Raimundo chegou da estancia, um cauteleiro tiritava no portal duma cocheira.

—Manuel... Oh Manuel... é mentira!...

O grito tomou vulto, cresceu, alongou-se como um protesto pelo bairro. As crianças que brincavam num patim vieram dar alarme ás mães.

E a voz continuava a lamentar-se:—Mas é mentira, Manuel, é tudo mentira!...

O senhor Raimundo abriu a janela de par a par e o chôro da criadita era um hino de desventura que acompanhava a procela da Natureza.

Mãezinha, vê lá: o sofrimento é a virtude mais heroica que brota da nossa alma. Nem a saudade com o seu cortejo de melancolias, nem a moral, nem a honra são coisas tão tamanhas. O sofrimento é bem o sofrimento; mãezinha. E' um conjunto de saudades fortes, de moral e de honras. E mais: a criadita desapareceu. No dia seguinte, quando o cão ladrou aos calcanhares dum vagabundo, a criadita fugiu. O malandro do carteiro que lhe entregava as cartas quando Manuel ia para o Alentejo dirigir debulhadoras, apaixonou-se. Olhos nos olhos, tudo quite até aí. Mas quando percebeu que a criadita respeitava o retrato do seu amor, cantou intrigas. Todo o bairro o acompanhou. Ela ia á da mãe, que vivia com um carvoeiro, todas as quintas e domingos. Foi o suficiente. A vizinhança perdeu-se em conjunturas e acabou por dizer que ela era amiga dum caixeiro.

Maldição. Manuel estava na taberna do Ruço quando um rufia que entrara lhe atirou:

—Tu é que és o tal, anh! Ah! Ah! Ah!...

Veio a saber. Custou, mas veio a saber. Pediam nesse entrementes voluntarios para a Guiné. Partiu.

E hoje (era isto que te queria contar ao principio, mãezinha), gostava que me acarinhasses como fazias antigamente. Eu peço, suplico, suaviza a minha dôr. O inimigo que arranjei na discussão dum pensamento trata-me lindamente em presença, mas quando se despede faz-me um esgar de traição, porque tem a parede a esconder-lhe o gesto. Eu tambem não quis acreditar. E na manhã que nasceu ontem fui abordado por um homem que gritou em frente de outros homens uma culpa que não cometi.

Diz-me, mãezinha, da mesma maneira que me disseste quando te preguntei a razão da tristeza de meu pai.

—Porque há homens maus?!...

Aquele que me tratou como falhado discorria sobre a origem do meu trabalho. Foi dizer a um transeunte que eu vendera a caneta de tinta permanente a uma mulher banal. Mas é mentira. Na altura que a noite acendeu a sua negrura, eu estava a chorar ao pé dum lago. Quis erguer-me contra a tirania do homem que me acusava assim. Mas fiquei calado. Pesaroso.

Diz-me, minha mãe, qualquer coisa.

Tu, que encarnaste toda a variedade do sofrimento humano, já dormes. Não morreste, dormes!...

Ainda assim quero ter a fantasia de pensar que estás acordada e que me dizes baixinho, com a tua voz açucarada de ternura, aos meus ouvidos de adolescente:

—Porque há homens maus, meu filho? Ora, porque há homens maus! Porque há homens bons!...

E eu sorria embevecido pelo valor sempre eterno das tuas palavras, pela magia desinteressada dos teus labios colados á minha fronte e pedia-te outra vez, a derradeira, para me contares a origem desta tristeza que me rouba a mocidade...—A. de S.

«Adolfo», busto em marmore de Rodrigo de Castro, exposto na 41.ª exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes

UMA HISTORIA DE VITRAL GOTICO

«Até ao fim do mundo!...»

Os comentarios que correm agora nos jornais, interessando os tumulos dêsses dois amorosos, que encheram a Historia com o seu grande misticismo passional,—fizeram que eu fôsse buscar á minha estante o livro de Antero de Figueiredo: *D. Pedro e D. Inês*.

Ah, como, na verdade, para a espuria aritmetica dos tempos de hoje, as duas figuras estranhas se perspectivam numa alucinatória labareda de encanto!

Que importa que alguns dos episódios do «grande desvairo» possam ser contestados, e que D. Pedro, êsse paradigma dos que muito amam e se bemquerem, não passe dum furibundo lôbo ululando por todas as encruzilhadas do despotismo; mais não seja que uma antecipação histero-épileptica, «toda vestida de dó preto», de Filipe II, o homem-negro, de Pantoja da Cruz?!

Que importa que «com a sua compleição tarada e as irregularidades do seu mórbido cerebro, ferido pelo traumatismo duma pavorosa catástrofe moral», ele fôsse apenas um protótipo das «qualidades e defeitos da época bárbara» em que viveu?!

Para os nostalgicos perdidos duma Eva ideal, para os que vendo esfolhar-se no espaço o grande crisantemo branco das noites de plenilunio, procuram corporizar, entre as nevoaças do astro romantico, a silhueta esquiva duma Electra, *que nunca* lhes sorriu; para os que, sentindo subir até eles êsse ruido de aguas, que é, a deshoras, a voz do silencio, estendem os braços suplices, ansiosos por abraçarem não sabem bem o quê, mas que lhes parece, devera ser a companheira piedosissima dos seus gritos, a soror sempre atenta dos seus malditos abespinhamentos—para todos esses o rei sanguissedento foi a consubstanciação admiravel do maior amor do mundo.

Qual de nós não seguiu tambem, embrulhado sádiamente em roupas de luto, o caminho interminavel daquelas «exéquias» do Espanto e do Absurdo, sob os açoites das chuvas e o rir impio das ventanias, empós da abstracção livorosa duma bem-amada, que os motejos do mundo nos frustraram, outorgando-nos, em troca, uma caricatura fula de caricatura?

Qual de nós, inconformados impenitentes, não percorreu o caminho longo, longo e angustiosamente interminavel daquelas exéquias do Absurdo, entre alas macabras de tocheiros acesos, chorando amarelos-rubros de lástima, e a rouquejar tambem, desfeito em pranto:—Inês, Inês, minha Inês!

O autor das *Recordações e Viagens* pinta-a dêste modo, com a surdina do seu pincel:

«...Delgada, os ombros de ave, o busto curto, as pernas altas, era um todo esbelto de divinas proporções fugidias. Tinha as mãos leves e brancas como a farinha; os cabelos de fiados de oiro velho, escorridos em bandós, modelavam as puras curvas da cabeça; as sobrancelhas, como as linhas do nariz, dos lábios e do mento, eram afiadas; os olhos verdes e tímidos, em recorte antigo, nadavam em agua translucida, que os enternecia; a boca, entreaberta, em sombra, preguntava sorrindo a mêdo; e a pele da testa, da face, da garganta, do colo, era da côr das pétalas—era como leite coalhado, e tão macia qual penugem dos cisnes reais... Era o tipo da beleza medieval, de modelações brandas, estilizada em linhas de compostura parada, onde nevoou o perfume mistico da cera e do incenso...»

...pinta-a dêste modo o artista—poeta, adelgaçando em assunções de figurinha dôce de vitral a mulher forte, simbolo duma batalhadora Idade Média, ecoante de sanhas e tinir de montantes; a mulher impertérrita, que outros, carreando a sua verdade, obtemperam que lutou bravamente com os seus matadores, e numa litografia da minha infancia, avulta, desgrenhada e enorme, leonina e magnifica, mau grado e mal acabado fruste da feitura, a cravar os dez dedos coléricos na mûrça vermelha do algoz...

CARLOS PARREIRA

O centenário de Eça de Queiroz

Uma casa editora do Rio de Janeiro está a elaborar uma obra, que terá por titulo «Livro do Centenario de Eça de Queiroz», na qual colaborarão escritores portugueses, brasileiros, espanhois e sul-americanos. O plano da colaboração europeia dêsse importante trabalho está a cargo do escritor brasileiro Paulo Duarte, actualmente entre nós, e do escritor português Camara Reys.

Uma reedição

do "EURICO,,

Celebrando o centenario da publicação do «Eurico», de Alexandre Herculano, a Livraria Bertrand reeditou agora a obra, com um vasto prefacio do sr. dr. Vitorino Nemesio.

O romantismo tem nesta obra um dos seus melhores padrões, que vale a pena rever, não só como lição de português austero, mas ainda pela expressão historica. Acompanham a edição varios subsidios, tendo-se mantido o vocabulario arabe do saudoso e ilustre mestre David Lopes.

A-pesar da guerra, a vida artistica inglesa prossegue. A cena não deixa de ter pitoresco. Meia duzia de pintoras, nêste *atelier* ao ar livre, elegeram para tema dos seus quadros êste pictórico recanto citadino, que a guerra arruinou.

OS LIVROS DA SEMANA

I.—Perplexidades da critica

No espirito do critico formula-se muitas vezes uma pregunta de dificil resposta. Há quem não hesite e opine imediatamente com intransigencia. Outros há que se quedam perplexos, na esperança de que a pregunta acabe por lhes abandonar o cérebro. Trata-se de saber como deve o critico comportar-se em frente de uma produção literaria caudalosa. Sim, que deve fazer o critico: combatê-la? Ou, pelo contrario, incutir esperanças lisonjeiras no espirito daqueles que dia a dia vão engrossando o caudal?

Não há muito que eu me insurgi aqui mesmo contra certo Catão citadino que se lembrou de erguer a voz timorata perante o manancial de romancistas que ultimamente tem brotado das entranhas literarias nacionais. Nada retiro a essa acusação: quem não dá um passo para ajudar a fortalecer ou purificar os ares das letras patrias não tem autoridade moral para proferir apelos esporadicos contra qualquer manifestação viciosa da literatura portuguesa. De passo, manifestava-me no sentido de que nenhum mal podia advir ao nosso romance de um tal excesso de romancistas. Mantenho o meu ponto de vista. A função faz o orgão; portanto, quanto maior fôr o numero de romances publicados entre nós, tanto mais probabilidades haverá de se chegar a criar em Portugal a bossa organica de romancista.

Posto isto, dir-se-á que faço parte do numero dos que opinam: antes muitos escritores, embora maus, que poucos, mas bons. Não. Não sou assim tão facil de contentar. Abomino, é certo, todo aquele que encara com hostilidade os neofitos da literatura. Deixai engrossar a vaga dos que querem escrever. Entre mortos e feridos alguem se ha-de salvar. Tal bonomia está longe, porém, de me levar a acolher com igual benevolencia aqueles escritores que, sendo jovens e inexperientes, tentam a carreira literaria no momento em que é natural que se tente qualquer carreira, seja ela qual fôr, e aqueloutros, já experimentados pelos anos, que se lançam na aventura das letras quando já nada lhe podem dar de ilusão ou de sonho.

Numa coisa sou intransigente: no respeito que todo o escritor deve ter pela literatura. Quero com isto dizer que me não conformo com o facto de certos homens se lançarem nessa carreira sem qualquer especie de predisposição temperamental para ela.

II.—Misterios dos dicionarios de literatura

Quando pegamos num dicionario de literatura verificamos, em geral, que o nosso tempo é muito mais rico em grandes autores que as epocas passadas. Numa obra do genero que para aí corre impressa pode observar-se este facto eloquente: em nove ou dez seculos de literatura houve muito menos genios que nos ultimos cinquenta anos de vida literaria. De Homero e Garrett contam-se, por exemplo, quatrocentas paginas ocupadas com nomes de homens celebres na poesia ou na prosa; de V. Hugo a João Maria Ferreira, quinhentas ou seiscentas não chegam para guardar registo de todas as notabilidades que enxameiam na vida literaria mundial. E' evidente: tal anomalia tem de ter uma explicação. Inutil supormos que o nosso tempo é mais recheado de talentos que os tempos passados. Não me pode esquecer aquela pagina da *Vie de Henri Brulard*, em que Stendhal, discretamente sarcasta, enumera a brilhante pleiade de academicos e notabilidades literarias que se pavoneiam em certo salão onde o seu nome, dele, Stendhal, era completamente, desconhecido. Cem anos passados, é, graças á notabilidade de Stendhal, que ficamos sabendo que por volta de 1830 havia em França tão grande numero de homens celebres.

O' grandes homens do momento:
O' grandes glorias a ferver
De quem a obscuridade foge!
Aproveitem sem pensamento!
Tratem da fama e do comer,
Que amanhã é dos loucos de hoje!

exclamava o quasi obscuro Fernando Pessoa em 1929. De facto, a gloria do momento encandeia. O proprio critico não pode muitas vezes resistir ao encandeamento que sobre ele exercem os seus contemporaneos. Para tal concorre não pouco essa atitude de expectativa ante o que será, o que vai ser o talento acabado de desvendar. Isto quere dizer que os maiores êrros cometidos pela critica não são ainda aqueles que ela comete por generosidade e esperança em face das promessas jovens ou das audacias temerarias. Imperdoaveis são os seus êrros cometidos por transigencia com valores feitos ou tibieza ante a audacia dos habeis. Não há maior pecado para um critico que é aquele que ele comete, ciente de estar a louvar uma obra que não louvaria se o seu autor não fosse o habil literato que é.

III.—Um romance didactico

E' contra a habilidade talentosa que o critico mais se deve precaver. Aí se esconde a verdadeira mediocridade. Certo que nem sempre se torna facil discernir a habilidade talentosa do verdadeiro talento. Casos há em que é dificil. Em tais casos, porém, todas as reservas são de aconselhar. Do tumulto que provocam as obras em que não se sabe ao certo se é o genio ou a imbecilidade que se manifestam, fica, ás vezes, alguma coisa. Não raro fica o proprio genio. Nada fica da serena exibição de um maneirismo em que é fertil a mediocridade literaria. Cuidado com as obras muito alinhavadas. Dessas, em geral, não fica nem muito nem pouco: não fica nada.

Vejo-me hoje em face de alguns livros a que o epiteto de obras de arte não quadra de maneira alguma. Realmente, nem tudo quanto se publica pertence a tal categoria: verdadeira obra de arte literaria não é qualquer obra literaria. Há, todavia, obras escritas com a intenção evidente de serem contadas entre aquelas. Pode faltar-lhes, é certo, predicados para tanto: não lhe faltam tenções. Desde que o escritor pega na pena com a intenção expressa de seguir na esteira dos criadores literarios, nada obsta a que consideremos a sua obra de um ponto de vista em geral reservado ás obras de arte literarias. Já assim não sucede quando claramente se depreende da leitura de certa obra que o seu autor, ao escrevê-la, não teve quaisquer veleidades de criador literario. E', por exemplo, o caso deste romance de Celestino David, intitulado *A vida sentimental de José Dominguiso* (Guimarães & C.ª, Lisboa). Aqui está uma obra que poderá ser tudo quanto quiserem, menos obra de arte literaria. Porquê? Está mal escrita? E' de uma composição deficiente? Falta-lhe coerencia, verosimilhança ou logica? Nada disto. Escrita com cuidados de forma que farão inveja a muito novel romancista, desdobra-se em episodios perfeitamente concatenados, sem atropelos de monta á logica e á verosimilhança. Por este lado *A vida sentimental de José Dominguiso* tem de ser tida como obra séria. Aliás, não lhe falta seriedade. Talvez a tenha de mais. Não é por aqui que ela desmerece o epiteto tão geralmente almejado. *A vida sentimental de José Dominguiso* mantem-se estranha ao plano da arte literaria por ter sido concebida segundo um criterio exclusivamente didactico.

Que vem a ser esta *Vida sentimental?* Apenas isto: pretexto para se estabelecer um contraste didactico entre a Beira e o Alentejo. Em vez de escrever um ensaio em que as ideias e os factos surgissem devidamente tratados em ordem a demonstrar como são igualmente excelentes as virtudes do beirão e do alentejano, não obstante profundamente dissemelhantes, Celestino David preferiu arquitectar uma historia tão tenue como ingenua graças á qual fôsse demonstrando a sua tese. Quere dizer que se inverteram os termos essenciais da obra de arte. E' para realizar esteticamente uma intuição humana que o romancista aprofunda os transes da paixão dos seus herois. A arte, escrevi um dia, é uma forma de realização da personalidade. Através de Julien Sorel realiza Stendhal um dos lados mais profundos da sua personalidade. Em *A vida sentimental de José Dominguiso* não há personalidade alguma nem vislumbre de se ter pretendido estudar seja que verdade humana fôr. Dois irmãos, filhos do modesto rendeiro de um senhor Morgado qualquer, vivem na admiração da *grande* cidade que lobrigam das ruas da sua aldeia. A *grande* cidade é a Covilhã! Um dia são mandados pelo pai pagar a renda ao Morgado, que habita na *metropole* admirada. Metem pés a caminho e aí vamos nós acompanhá-los nas suas visitas instrutivas a uma fabrica de fiação, á casa do Morgado, á igreja da cidade, etc. Tudo isto nos é contado com escrupulos de relatorio oficial. Depois, um belo dia, morre o rendeiro e os dois rapazes vão tentar vida. Parte um para o Brasil, onde morre, não tarda, visto estar fora das vistas do escritor contar-nos o que se passa pelas bandas de lá, e o outro deita para terras alentejanas. Chega a Evora no momento em que se realiza uma feira celebre e aí o temos a discretear sapientissimamente sobre os costumes agricolas, o valor produtivo e as belezas artisticas da cidade-museu. Não bastava termos de o acompanhar nessa peregrinação de guia turistico, ainda por cima nos vemos obrigados a ouvir falar o pobre aldeão como se fosse um verdadeiro doutor. Entretanto, no meio da sua amena excursão, lembra-se o bom do mancebo de que viera para trabalhar: pois logo se lhe depara um patrão, que o leva para a sua herdade e o agasalha como feitor.

Anos depois o rico proprietario falece e institue o nosso beirão herdeiro universal. Feliz rapaz! Felizes tempos! O lavrador era um seu vago tio, certo dia partido das terras da Beira para nunca mais. Claro: tudo isto acontece por artes de berliques e berloques. A Celestino David tanto monta que o leitor ache o caso folhetinesco como não. Só lhe dá cuidado pintar os montes alentejanos, com as suas queimadas, as suas sementeiras, as suas ceifas. E nisto, hemos de concordar, o livro é sofrivel. Escrito sem estilo, mas correctamente, são muitos os ensinamentos que o leitor pode colher, caso se decida a lêr este livro com a mesma disposição de espirito com que se decidira a lêr um guia turistico ou um roteiro regional. Não estamos, pois, diante de uma obra de arte literaria, mas, sim, perante um trabalho de natureza didactica que ocasionalmente assumiu a forma do romance.

IV—Um estreante de setenta e dois anos

Neste livro só faltam as intenções didacticas, para o caso ser o mesmo. E' Costa Metelo, o autor de *A Torre da Má Hora*, novela alentejana, um respeitavel ancião de setenta e dois anos de idade, que, chegado a uma tal altura da vida, se decidiu e estrear-se nas letras. Concordemos que não é cedo, mas emquanto há vida há esperança. Eis por que Costa Metelo não receou tentar a aventura das letras, na esperança, ao que suponho, de entreter os seus ócios. Se foi esse o seu proposito, não o censuremos por isso. De facto, *A Torre da Má Hora* é uma dessas historias só possiveis hoje na mente de um ancião, tão remota a era em que decorre e tão tetricamente pitoresca a sua intriga. Quem se lembraria, de facto, de escrever em nossos dias uma novela de ciume tão macabro que nela um marido atraiçoado traspassa com um ferro em brasa os corpos da adultera e do seu amante, surpreendidos em pecado de adulterio, e lança fogo á casa? E' certo que tal episodio chega a ter pitoresco. Contá-lo, hoje, só seria possivel com uma pontinha de humor. Mas Costa Metelo conta-o com uma gravidade de velho folhetinista de faca e alguidar... Confesso: é divertido. Se era entreter ócios proprios e alheios o proposito de Costa Metelo ao escrever esta novela, não há que regatear-lhe louvores. A *Torre da Má Hora* e os contos que se lhe seguem abundam em circunstancias pitorescas e em acidentes imprevistos. *A Gafanhota*, se fôsse escrito com uma intenção literaria elevada e em estilo pessoal, era possivel mesmo vir a ser algo mais que um conto picante. Se não foi a tradição oral ou qualquer outra fonte que transmitiu historias tão singulares a este escritor, há que conceder, sem discrepancia, que lhe não faltam dotes de fantasia. Que diabo, com setenta e dois anos é de invejar...

V—Pedagogia e poesia

Ao pé de Costa Metelo, esta senhora de vinte e poucos anos, autora de *O Tontinho da Esquina* (Edições Universo, Lisboa), Etelvina Lopes de Almeida, dá provas de escassez de imaginação. O seu livrinho, escrito para crianças, ressuma bom senso e boa pedagogia. Mas gostarão as crianças assim tanto de bom senso e pedagogia? Fazem-lhes mal leituras fantasiosas, diz-se. E' possivel. Mas haverá o direito de privar as crianças daquilo que nós próprios, adultos, não nos sabemos privar. Aos romances policiais chamava Fernando Pessoa: «o meu ópio». Todos nós, crianças e adultos, precisamos de um pouco dêsse narcótico. Não é com livros como *O Tontinho da Esquina*, de Etelvina Lopes de Almeida, que as crianças se poderão opiar. Pelo contrário: nesta historia há uma notavel falta de imaginação. Tudo que nela se nos conta é filho da associação de ideias. Falta-lhe calor, imaginação, poesia. Os soliloquios da criança que ouve as historias do *Tontinho* melhor fôra ficarem no tinteiro. Se até aos adultos custam a ler, que sucederá ás pobres crianças?

Repito: Etelvina Lopes de Almeida é conscienciosa e pedagoga. Com consciencia e pedagogia escrevem-se historias enlevo de pais. Só com imaginação e poesia se escrevem historias enlevo de filhos...

As ilustrações de Rudy deixam muito a desejar.

JOÃO GASPAR SIMÕES

FOI PÔSTA Á VENDA
A SEGUNDA EDIÇÃO DO CELEBRE ROMANCE
O MOINHO A' BEIRA DO RIO
(«THE MILL ON THE FLOSS»)
DA GENIAL ESCRITORA GEORGE ELIOT
O mais extraordinario romance que se traduziu para a nossa lingua
e do qual foi extraido um grande filme, em breve exibido em Lisboa,
com o titulo «O GRANDE VENDAVAL», obra de sucesso igual ao de «E TUDO O VENTO LEVOU»
Tradução integral do DR. CABRAL DO NASCIMENTO, agora inteiramente revista.
1 magnifico volume de 540 paginas — 30$00
PORTUGALIA EDITORA — Avenida da Liberdade, 13, 3.º — LISBOA

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da pag. anterior)

gerir-me coisas, que o maior dos prosadores seria incapaz de fazer. Evidentemente que essa estranha impressão pode variar até ao infinito. O leitor pode ficar indiferente diante de dois versos que a mim me entusiasmam. Se eu pretender comunicar essa impressão, pode muito bem suceder que a pessoa junto da qual eu aça essa tentativa ou me julgue um intrujão ou um maluco. Não posso tentar essa experiencia numa «croniqueta» de jornal como esta que estou escrevendo. O leitor não me vai comunicar as suas impressões, porque tem mais que fazer. Mas sempre vou citar, como exemplo, dois versos que estranhamente me impressionam. São dum grande lirico português, felizmente para gloria das nossas letras, ainda vivo e em efectivo serviço. Não lhe digo o nome glorioso porque é tal o prestigio de que êsse nome goza, que eu receio que toda a gente fique antecipadamente disposta a concordar comigo, levada por êsse prestigio. Esses dois versso de sortilegio, são os dois primeiros duma quadra de que eu tambem omito os outros dois, no intento de os apresentar secos, destaposição. E ainda uma prevenção:—ei sei cados, sózinhos, de modo a que o leitor não se deixe tambem impressionar pela musicalidade da quadra completa, pelo som das rimas, pela graça total da composição. E ainda uma prevenção:—eu sei que há hoje certas expressões grosseiras, em calão, que servem para definir desdenhosamente o estado intelectual da pessoa a quem se aplicam. Assim se, depois de me ler, alguem achar que «eu não estou bom dum lado», que tenho «a rosca moida» ou «uma folga no diferencial», eu declaro que devolvo á procedencia a apreciação, desgostado com a vulgaridade de soez da expressão pejorativa.

—Esta frase não me saiu nada mal.

Aí vão, finalmente, os versos admiraveis:

Toda a gente diz que dá,
Com a sua mão fechada...

Leiam, saboreiem, meditem. Repitamnos para os apreciar melhor:

Toda a gente diz que dá,
Com a sua mão fechada...

Não lhes dizem nada estes dois versos? Pois eu nem sei dizer o que êles me sugerem. Só sei que visiono nêles um mundo de coisas. Na sua simpliciadde encontro uma filosofia, um sarcasmo melancolico, uma ironia pungente. Digo mais: há nêstes dois versos como que «volume» e movimento. São dois versos plasticos—se se pode dizer. A mão fecha-se avaramente para o pobrezinho que suplica e a palavra contraditoria e hipocrita, «diz que dá» mas não se abre. Diz «toma»—e fica fechada. E é nêste contraste que está tudo. Emquanto a palavra promete, o gesto recusa. O coração diz que se abre—mas, na realidade, a mão fecha-se. A bôca promete mas os dedos, fechados uns sobre os outros, repelem como um murro! Por isso eu disse que havia, nêstes dois versos admiraveis, volume e movimento. Há nêles uma caricatura cruel—como as que o genio de Bordallo arrancou ao barro. Fecho os olhos e vejo-o, ao gesto impiedoso que engana, que repele, egoista e centripeto—emquanto, dolorosamente, a bôca promete a caridade e a esmola! Ironia caustica, num contraste brutal, a traço grosso e violento. O Verbo aqui ampara-se na acção—que o nega!

«Toma lá pobrezinho»—e logo a mão enclavinhada mostra qu ea palavra é mentirosa. Isto para mim é uma sintese e é bem certo que a palavra humana, em certos momentos, supre o desenho, a pintura, a escultura—e o gesto!

Para meu gosto, na literatura lirica contemporanea não conheço sintese mais vigorosa.

«Toda a gente diz que dá,
Com a sua mão fechada»...

E' perfeito. Só os grandes poetas atingem este poder expressivo.

E digam lá o que disserem—é por isso que a poesia é eterna—R. C.

Teatros e Cinemas

Maneiras de ver

Um actor comico, já falecido, de quem se contam muitas anedotas engraçadas, entrou um dia numa peça que exigia casaca.

Sem verba para a mandar fazer, não hesitou e foi ao seu alfaiate, onde já tinha uma conta muito razoavel.

O homem, na esperança de receber o atrasado, fez a casaca e, todos os dias, caminhava para o teatro a pedir-lhe o dinheiro.

— Hoje é impossivel! Agora só para a semana...—era a frase sacramental do artista.

— Mas, ó meu caro—diz-lhe uma noite o alfaiate—assim não pode ser. Estou á espera dêste dinheiro para pagar aos meus fornecedores.

— Essa é boa! Mas o que tenho eu com isso? Então o senhor faz as dividas e eu que opago? Que disparate!

EFEMERIDES

Nasceram a 25 de maio: a actriz Dora Belli (Maria Madalena Consuelo Felix Fol); os actores Alfredo Gaspar (Alfredo de Melo Lobo Gaspar) e Jaime Silva (Alfredo Jaime Silva).

1533—Representa-se, no Paço de Evora, a tragicomedia de Gil Vicente «Romagem dos Agravados», oferecida a D. João III por ocasião do pacto da rainha D. Catarina e nascimento do infante D. Filipe.

Atrás do reposteiro

O teatro de Alcobaça, que deve fazer a sua inauguração no proximo mês, ficará a ser uma das melhores casas de espectaculo do país. A montagem do palco foi feita pelo mestre maquinista Saul Ferreira.

—A actriz Julieta Soares, que se encontrava afastada do teatro, reapareceu no Apolo, na opereta «A Rosa Cantadeira».

—Diz-nos o actor Jorge Grave, que não é verdade ir dirigir qualquer companhia de opereta anunciada para a provincia.

—Parte brevemente, contratada, para Lourenço Marques, a artista Dina Sá.

—O actor Carlos Leal continua a fazer parte da companhia do Coliseu, não tendo sido convidado para outra empresa.

O tenor Amadeu Ferrari

na revista «O jogo do Diabo», no Avenida

Amadeu Ferrari

O conhecido tenor Amadeu Ferrari, que há anos encantou Lisboa, com a sua potente voz no repertorio vienense, que se representou no Trindade, foi um dia de abalada correr mundo, conquistando os mais assinalados triunfos em Inglaterra, Alemanha, França, Holanda, America do Norte e todas as republicas sul-americanas. Estava ultimamente em Milão quando foi surpreendido pela guerra. O empresario José Loureiro, não hesitou em convidar o brilhante artista a visitar Lisboa, que Amadeu Ferrari lembrava com saudade, onde tinha deixado amigos, onde tinha deixado um nome. E voltou cheio de alegria, por tornar a pisar o solo que tanto o acarinhou e onde teve noites de verdadeira apoteose.

E é ainda José Loureiro que o faz reaparecer na nova revista «O jogo do diabo», peça que vai marcar pelo deslumbramento da sua montagem e que ámanhã, em duas sessões, se estreia no Avenida.

O tenor Ferrari, nome que não foi esquecido, cantará num ambiente proprio alguns dos trechos de maior sucesso do seu vasto repertorio, valorizando ainda mais a revista que está a despertar uma grande curiosidade no publico.

Primeiras exibições

«O caminho da gloria», no Odéon e no Palacio

Bom caminho este da gloria através dum filme agradabilissimo pelo que tem de comedia e de music-hall», pelo encanto da figurinha de Judy Garland e da voz de Martha Eggert, da intervenção de Van Heflin, Richard Carlson e Fay Bainter, da colaboração das famosas orquestras de Tommy Dorsey e Bob Crosby e da aparição de belas raparigas em surpreendentes quadros de revista. O espectaculo, assim tão rico e variado, é realmente agradabilissimo, dispõe bem, interessa, deleita a vista e o ouvido.—*Visor 53.*

Murray Silverstone

figura de alto relêvo no cinema mundial, foi eleito para o conselho directivo da 20th Century Fox

NOVA YORK, 20.—Na assembleia geral da 20th Century Fox, realizada recentemente em Hollywood, os accionistas desta importante organização cinematografica elegeram para os elevados cargos de vice-presidente e orientador da distribuição de filmes para o estrangeiro, o sr. Murray Silverstone, figura proeminente da cinematografia mundial.

A Fox, que nos ultimos anos tem visto o seu prestigio em todo o mundo aumentar consideravelmente, mercê duma actividade e inteligencia directiva magnifica, que acaba de ser consagrada com a conquista de 9 primeiros premios da Academia Cinematografica de Hollywood, demonstra, com a eleição do sr. Murray Silverstone para tão elevados cargos, não só a confiança dos accionistas na sua capacidade de trabalho, como tambem o desejo de imprimir uma nova etapa no progressivo desenvolvimento daquela organização.—*(Especial).*

Amanhã, no Coliseu: «As Pupilas do Sr. Reitor»

O espectaculo teatral de maior popularidade nos ultimos tempos é, sem duvida, a opereta portuguesa: «As Pupilas do sr. Reitor». Pois prossegue ámanhã nas suas triunfantes representações, com o seu deslumbramento e a sua musica maravilhosa, esta opereta cujo entrecho decorre no nosso pitoresco Minho. Milhares de pessoas adquiriram já bilhetes para ámanhã e noites seguintes. Domingo: «matinée».

UM ÊXITO EXTRAORDINÁRIO DA «S. I. F.», EM 2.ª SEMANA, NO POLITEAMA

JAMES CAGNEY

EM

A' CONQUISTA DA CIDADE

O MAIOR ACONTECIMENTO DO CINEMA NO MOMENTO

São Luiz — REFUGIADOS (Journey for Margaret) — Direcção de VAN DIKE, com Roberr Young e Laraine Day — 2 7172—A's 21,30

POLITEAMA — Telef. 26305 — Hoje A's 21 e 30 — A' conquista da cidade — um filme de Anatole Litvak, com James Cagney, Ann Sheridan e Lee Patrick

TRINDADE — Telef. 2.0000 — A's 21 e 30 — Matinées ás 16 horas — Encontros de noite — com Leonardo Cortese, Carl Del Poggio e Marina Doge

GINASIO — Ás 21 e 30 — Telef. 20556 — 2.ª SEMANA — O Baile da Ópera — com Paul Hörbiger, Theo Lingen e Marthe Harell

CAPITOLIO — Telef. 2 7493 — No Salão, ás 21 e 15 h. — As mil e uma noites — com Sabu — TEM A PALAVRA A MULHER

CENTRAL — ESPECTACULO DO S. N. P. — Pérola do Atlantico — Mocidade triunfante — A pequena heroina

L Y S — Tel. 48560 — A's 21 e 15 — Olá, amigos! Chapéu alto

RECREIOS AMADORA — A's 21 e 30 — A grande batalha — Paraíso dos noivos

TIVOLI — A's 21 e 30 — TELEF. 50595 — O violino de João — Direcção de Brás Alves — com Ada Luftmann, I. Caeiro, Villaret, Erico, E. de Oliveira

EDEN — A's 21,30 — Telef. 2 0760 — 3.ª SEMANA e ULTIMA — A LEGIÃO BRANCA — com Claudette Colbert, Paulette Goddard e Veronica Lake — MATINÉES DIARIAS

CONDES — A's 21 e 30 — Nobreza Baturra — com Império Argentina — MATINÉES DIARIAS A MEIOS PREÇOS

ODEON — A's 21 e 15 — O CAMINHO DE GLORIA

PALACIO — A's 21 e 30 — com Judy Garland, Van Heflin, Martha Eggerth, Bob Crosby e Orquestra

REX — Telef. 29656 — A's 21 e 15 — Rosa de sangue — A caminho do ocidente

TERRASSE — Tel. 20917 — A's 21 e 15 — Olá, amigos! Chapéu alto

JARDIM CINEMA — Tel. 63065 — Amor de perdição

CASINO ESTORIL — O céu pode esperar — com Gene Tierney

OLIMPIA CLUB

Uma artista portuguesa LINDA ROSA Um nome que vale um cartaz

A sua estreia no OLIMPIA foi um grande êxito e valorizou ainda mais o sensacional programa composto de 6 ATRACÇÕES que são 6 MARAVILHAS!

ARCADIA

HOJE a famosa atracção mundial

YVONNE y FARRAR

EM NUMEROS NOVOS

Teatro Nacional de D. Maria II

Hoje, ás 22 horas, grande espectáculo de arte, a obra prima de GARHART HAUPTMANN, traduçãodo Dr. Paulo Quintela, que repetirá a sua conferencia de ontem

A ASCENSÃO DA JOANINHA

Sábado, ás 21 e 45 — Continua a sua carreira a peça «RAÇA!»

Na proxima semana — Estreia da peça de Joaquim Paço de Arcos, O AUSENTE

Grande sucesso da Companhia do

MARIA VITORIA

2 SESSÕES, ás 21 e ás 23 horas com Mirita e Vasco na revista

BAILE DE MASCARAS

com Irene, Costinha, e Alvaro Pereira no «compère»

VARIEDADES — 2 SESSÕES A's 21 e 23 h.

A comédia em 3 actos, original de Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa

A SOPA JULIANA

pela Companhia Maria Matos

duas horas de gargalhada

APOLO — Telef. 28643 — A's 20 e 45 e ás 22 e 45

Êxito sem igual, a lindissima opereta

A Rosa cantadeira

Herminia Silva, Hortense Luz, Amalia Rodrigues, Ribeirinho, M. Santos Carvalho, Armando Machado, etc.

EM JUNHO NO TRINDADE

MANOLO BEL

E A SUA FAMOSA ORQUESTRA

SABIÁ

DANCING-BAR

Telef. 40722

GRANDE ATRACÇÃO:

FAUSTO CALDEIRA e FRED TRINSHER

ABERTO TODA A NOITE

FEIRA POPULAR DE «O SECULO»

LUNA — Todos os dias almoços e jantares — Todas as noites variedades

HOJE ENTRA TRIUNFALMENTE EM 2.ª SEMANA NO GINÁSIO, ÁS 21.45 A DELICIOSA OPERETA

O Baile da Ópera

Fabrica de Condutores Eléctricos Diogo d'Avila, L.da

Por escritura de 19 de Fevereiro ultimo, lavrada de fls. 51 a 53 verso, do livro n.º 47-B, das notas do notário desta cidade, dr. Avelino de Faria, com cartório á Rua Nova do Almada, n.º 64, 1.º andar, foi constituida entre Diogo Eduardo Borges de Almeida d'Avila, Manuel Diogo Delgado de Avila e Jorge Manuel Delgado de Avila, uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:—Primeiro—Esta sociedade adopta a denominação de «Fabrica de Condutores Electricos Diogo d'Avila, Limitada».—Segundo—A sua sede é na R. Sacadura Cabral, n.º 26, no Dafundo, concelho de Oeiras, podendo a gerencia abrir filiais ou outra forma de representação em qualquer ponto do país.—Terceiro—O seu objecto é a industria e comercio de condutores electricos e de outro material electrico e bem assim o exercicio de qualquer outra actividade que a gerencia adopte e que não dependa de autorização especial.—Quarto—A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo desde 1 de Janeiro findo.—Quinto—O capital social é de quinhentos contos, integralmetne realizado em dinheiro e corresponde á soma de três cotas, uma de 450 contos, do socio Diogo d'Ávila, outra de 25 contos, do socio Manuel d'Ávila e outra de 25 contos, do socio Jorge d'Ávila.—Sexto—Não serão exigiveis prestações suplementares de capital, mas os socios poderão fazer á Caixa os suprimentos de que carecer, mediante as condições que forem acordadas.—Setimo—A cessão de cotas, total ou parcialmente, entre socios é livremente permitida; a cessão a estranhos dependerá do consentimento dos socios não cedentes. Porém, o socio Diogo d'Ávila, fica desde já autorizado a ceder, a quem quiser e no todo ou em partes, a sua cota, operando para tanto as necessarias divisões.—Oitavo—A gerencia e a administração da sociedade e a sua representação em juizo e fora dele, aotiva e passivamente, serão exercidas por todos os socios, sem caução.

Paragrafo primeiro—Para a sociedade ficar válidamente obrigada basta e é suficiente que os respectivos actos e contratos sejam em nome dela assinados pelo gerente Diogo d'Ávila ou por dois dos outros gerentes, conjuntamente;

Paragrafo segundo—A gerencia poder-se-á fazer representar por seus delegados ou procuradores;

Paragrafo terceiro—O gerente Diogo d'Ávila além, dos poderes gerais de administração, poderá, por si só, comprar, hipotecar, vender ou por outra forma alienar os bens moveis e imoveis das ociedade e ainda contrair, em nome desta, dividas e outras obrigações.—Nono—Salvas as excepções legais, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas ou telegramas expedidos com 15 dias de antecedencia, pelo menos, sôbre o designado para a reunião.—Décimo—Os balanços serão anuais e referidos a 31 de Dezembro; dos lucros liquidos que se apurarem em cada ano deduzir-se-ão 5 % até reintegração do fundo de reserva legal e do remanescente poderá a Assembleia Geral destinar até 10 % para os fins que entender, distribuindo-se o saldo como dividendo aos socios.

Paragrafo unico—Sempre que a sociedade seja devedora por suprimentos a qualquer dos socios, sôbreestar-se-á na distribuição dos lucros liquidos que haja, os quais, emquanto assim inexigiveis, ficarão registados em conta de «lucros a repartir».—Décimo primeiro—E' facultada á sociedade a amortização de qualquer cota que não pertença ao socio Diogo d'Ávila, nos casos seguintes: *a)*—por falecimento, ou interdição do respectivo socio; *b)*—por cessão de cota efectuada sem o consentimento prévio prescrito no artigo quinto; *c)*—quando a cota seja arrestada, penhorada ou empenhada; *d)*—por acôrdo entre a sociedade e o respectivo socio;

Paragrafo primeiro—A amortização de cota opera-se pelo pagamento ou consignação em depósito do respectivo preço;

Paragrafo segundo—O preço da amortização de qualquer cota, salvo o caso de acôrdo, será o que lhe resulte em face do ultimo balanço que esteja aprovado, corrigido com os resultados proporcionais a determinar em função da média apurada nos exercicios imediatamente anteriores que tenha havido, até ao limite de três.—Décimo segundo—A sociedade dissolver-se-á nos casos legais e ainda pela vontade do socio Diogo d'Ávila, o qual, em qualquer dos casos, será o liquidatario e terá o direito de opção na adquisição de todos os bens e direitos da sociedade.—Décimo terceiro—Todas as questões que surgirem entre os sócios, ou entre estes e a sociedade, que sejam emergentes da execução do presente contrato, de direitos e obrigações do mesmo contrato derivados ou da actividade social, serão decididos por arbitros que julgarão segundo a equidade.—Décimo quarto—Em todo o omisso será esta sociedade regulada pela lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 11 de Abril de 1944.

O ajudante do Notario dr. Avelino de Faria,
Eduardo Augusto Pinto

LUSTRES

OFICINAS de reparações e instalações electricas—Fabricante, montador e restaurador de LUSTRES. Apliques e candeeiros de mesa—FABRICANTE de velas de madeira e cartão—Abat-jours

CASTIÇAIS

J. R. DE BRITO

RUA LUIZA TODI, 2 (á Rua D. Pedro V)—Telefone 2 0497—LISBOA

Dentes brancos

n'uma bôca sã constituem um atractivo irresistivel.
A pasta dentifrica PEBECO contribue para a conservação e alvura dos dentes, e a sua eficácia não permitirá que a substitua por outra.

Companhia Colonial de Navegação

LINHA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

VAPOR

«LUGELA»

Sairá em meados de Junho, recebendo carga para:

Luanda—Lobito—Lourenço Marques—Beira e Moçambique

LINHA DA AMÉRICA

VAPOR

«LUANGO»

Sairá em meados de Junho, recebendo carga para:

FILADELFIA

Para tratar:

LISBOA—Rua do Instituto Virgilio Machado, 14
Telefone 2 0051

PORTO—Rua do Infante D. Henrique, 9
Telefone 2342

TOME OS BANHOS NO Poço do Borratém, 4, 1.º
se quere ter saúde e alegria

DESENHO

Aprenda rápidamente por MÉTODO PRÁTICO AMERICANO.-ESTUDO EM CASA

Peça já um livreto ilustrado GRÁTIS a: APARTADO 104 LISBOA

Chevrolet-coupé

Vende-se. Impecavel, incluindo os 5 pneus, que são novos. Vêr onde recolhe, na R. Alex. Herculano, 66.

COMARCA DE LISBOA

2.º Tribunal Civel

Pelo Juizo de Direito do 2.º Tribunal Civel da Comarca de Lisboa, cartorio da 3.ª secção, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª e ultima publicação dêste anuncio, citando os interessados incertos, que se julguem com direito á herança do falecido Luiz Domingues, natural da freguesia de Alvaredo, do concelho de Melgaço, falecido no hospital da Santa Casa da Misericordia de Cascais, e que teve o seu domicilio no lugar de S. Pedro do Estoril, freguesia do Estoril, para, no prazo de 20 dias, findo o dos editos, contestarem, querendo, o pedido de habilitação á referida herança, requerido por Irene de Sousa Costa, que tambem usa assinar Irene Domingues, solteira, maior, domestica, na qualidade de herdeira testamentaria do autor da herança, devendo a contestação ser apresentada dentro do referido prazo, na Secretaria dêste Tribunal, instalada no edificio da Boa Hora, á rua Nova do Almada, desta cidade de Lisboa.

Lisboa, 18 de Maio de 1944.

O Chefe da 3.ª Secção, *Julio Mendes da Rocha Diniz.*

Verifiquei.—O Juiz de Direito do 2.º Tribunal Civel, *Sousa Carvalho.*

COMARCA DE LISBOA

4.º Tribunal Civel

ANUNCIO

No dia 5 de junho proximo, por 13 horas, ha-de proceder-se á venda em hasta publica, em 1.ª praça, á porta do 4.º Tribunal Civel desta Comarca, pelo maior lanço oferecido acima de 264.020$00, do predio urbano sito nesta cidade, na rua da Beneficencia n.os 152 a 156, tornejando para a rua Cristovão de Figueiredo n.º 23, inscrito na matriz predial urbana da freguesia do Campo Grande, no art.º 655.º e descrito na 2.ª Conservatoria do Registo Predial sob o n.º 18.351 a fls. 162 do livro «B-59», o qual vai á praça pelos autos de execução ordinária em que são exequente Manuela Bogarim e executada Pinhão & Rodrigues, Ld.ª Lisboa, 13 de Maio de 1944.

O chefe da 3.ª secção:—*Ricardo Jorge*
O juiz de Direito:—*A. L. Ribeiro.*

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA ALTA

Abre no 1.º de Junho as Termas e o Grande Hotel Club
Informações, R. do Ouro, 273, ou ao gerente do Grande Hotel Club na FELGUEIRA

NA PRIMAVERA

PARA OS SEUS PASSEIOS

UMA BICICLETA AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE Nos 73 a 79 — LISBOA

BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada
Rua Augusta, 275-4. — Tel. 29607

Tão certo como 1 e 2 serem 3

Torna-lo-êmos rapida e economicamente **Guarda-livros** se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos grátis a:

Instituto Luso-Brazileiro de Comércio

Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12, 1.º — Pôrto

N. B. — Não nos remeta dinheiro para sêlos.

HUDSON-TERRAPLANE

Vende-se: Conduite c/ T. S. F. Alavanca vel. no volante. 4 pneus novos. Vêr onde recolhe, na R. Alex. Herculano, 66.

Aos Ex.mos PROPRIETARIOS

Comunica a Antiga Empresa de Limpeza de Chaminés «João Chaves, Ld.ª», com 110 anos de existencia, que reduziu neste momento a sua taxa de limpezas para $50 cada, acompanhando a concorrencia com um desconto de 50 %.

Rua dos Fanqueiros, 257, 3.º

Telefone 2 6380

LUSO

Doenças do coração e rins. Gôta e reumatismo

As TERMAS, bem como o GRANDE HOTEL DAS TERMAS, abrem em 1 de Junho

E' conveniente marcar desde já os quartos

Pergamoides estrangeiros

(couro sintético)

Acabamos de receber nova remessa, em côres variadas.

ARMAZEM DE SOLAS E CABEDAIS — COSTA LOUREIRO, IRMÃO & C.A — Rua do Bomjardim, 364-366 — PORTO.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico *SEMPRE FIXE.*